

5

Análise e discussão dos resultados

5.1 Amor e casamento

Nessa categoria de análise, emergiram os seguintes tópicos: motivação para o casamento; e concepções de amor e de casamento.

5.1.1 Motivação para o casamento

Ao discorrerem sobre as razões que os levaram ao casamento, os participantes do presente estudo ressaltaram o amor como sendo um dos principais motivos.

Eu me apaixonei, né? rsrsrs (...) As coisas foram rolando (...) Eu tava apaixonada, ele era incrível... (Laura, 34 anos)

Eu era de quatro por ele... (...) Totalmente apaixonada. Era “Deus no céu e aquele homem na Terra”. (...) Eu não olhava pra ninguém na rua. (Sônia, 52 anos)

O que me motivou a casar? Amor. (...) Eu casei por amor. Por incrível que pareça, eu casei por amor. (Luíza, 42 anos)

A casar? Eu era muito apaixonada pelo meu ex-marido... (Júlia, 38 anos)

O que me motivou? Foi encontrar uma pessoa que eu gostasse... (Arthur, 39 anos)

Ela tinha o sonho de casar na Igreja, eu também. E foi isso que desencadeou. Com certeza, baseado no amor que a gente sentia. (Antônio, 50 anos)

O que motivou? Eu gostava dela e que... Evidentemente, eu achava que ela seria a mulher da minha vida. (Hugo, 49 anos)

Ela foi com esse jeito dela me... me cativando muito e eu gostei tanto dela, logo de cara e tudo, que eu pensei que já tava na hora de eu arrumar alguém pra ficar comigo. E... o relacionamento tava tão intenso, que eu deixava ela em casa hoje, dez horas da noite...eu já ficava pensando, quando acordava, na hora de voltar pra pegá-la e...então, aquilo é uma coisa constante que você vai... vai te envolvendo. (Pedro, 46 anos)

As falas acima corroboram a união entre amor e casamento, como destacado pela literatura sobre a expressão e a ritualização do amor ao longo da história (COSTA, 1998; D' INCAO, 2006; MUSZKAT, 1992; PORCHAT, 1992; PRIORE, 2005).

Outra razão que aparece com frequência nos depoimentos dos entrevistados, quando indagados sobre a motivação para o casamento, é a constituição da família. Como veremos a seguir, a formação da família aparece como um dos objetivos do casamento.

Eu não pensei duas vezes que ele seria um bom pai pros meus filhos, entendeu? Eu sabia. (Laura, 34 anos)

Eu acho que, quando a gente casa, a primeira vez que a gente casa, pra formação de uma família, pra criar os filhos, a gente tenta o máximo que pode, enquanto mulher. (Márcia, 47 anos)

Na época, me pareceu uma coisa natural. Você, com vinte e poucos anos, sair da casa dos pais pra constituir a sua família. Me pareceu o caminho natural, eu não via outra possibilidade que não fosse essa. Entendeu? (Arnaldo, 42 anos)

Na minha cabeça, era constituir uma família, proteger essa família, dar o melhor pra essa família... (Marcelo, 45 anos)

O que motivou? (...) Formar uma família, ter os filhos, essas coisas todas. Acho que casamento é mais ou menos isso. (Arthur, 39 anos)

Nas próximas falas, a constituição da própria família é uma forma de dar continuidade as satisfações emocionais vivenciadas na família de origem ou de compensar a falta delas.

Eu queria formar a minha família, né? Ter, talvez, a proximidade e o afeto (...) que eu não tive dentro de casa, com meus pais, né? E dar todo o amor que eu tinha dentro de mim. (Sônia, 52 anos)

Sempre sonhei em casar. Acho que toda mulher sonha, né? Constituir uma família, na verdade. E... não sonhava em casar... com o casamento branco, o casamento Igreja é... não era esse o meu sonho. Era a constituição da família mesmo, ter filhos, ter a família... (...) Pra mim, essa coisa da estrutura familiar, de ter uma base sólida, ter um porto seguro (...) ter o aconchego, ter ombro do pai ou da mãe ou do irmão... (...) Eu tenho muito forte isso dentro de mim. Família, família, família... E eu queria dar continuidade a isso. (Bruna, 39 anos)

Acho que é construir uma família mesmo. (...) Construir, ter vontade de ter filho, ter uma casa, ter... essa continuidade que todo mundo sonha, principalmente a mulher, né? Casar. (Letícia, 42 anos)

Eu sempre imaginei isso: “pô, um dia eu quero ter uma família”. Sabe? Assim, bem estruturada. Sempre foi um desejo meu, por eu não ter tido isso, né? (...) Eu sempre quis, né? Que... promover isso pra mim, né? (...) Sempre foi uma coisa muito importante pra mim. (...) Eu idealizei uma coisa assim. (Renato, 48 anos)

Sendo a sociedade cada vez mais individualista, o lar tornou-se um dos poucos lugares do mundo contemporâneo que proporcionam um sentimento de pertinência. Os poucos integrantes da família têm, então, uma importância capital, tendo a obrigação de prover toda a afetividade de que se necessita (JABLONSKI, 1988).

Os discursos dos participantes confirmam o que é postulado por Porchat (1992) sobre a influência da família de origem na dinâmica interacional do casal. Nas falas dos entrevistados, o sonho de formar a própria família incluía a expectativa de que o casamento fosse fonte das mesmas satisfações emocionais vividas na infância ou, ao contrário, compensasse o que faltou. Em função da estreita relação entre pais e filhos, os cônjuges levam para o casamento insatisfações e expectativas derivadas da relação que tiveram com seus pais.

Ainda, refletindo sobre a constituição da família como finalidade do casamento, é importante ressaltar que a descoberta de uma gravidez também está entre os motivos que levaram os entrevistados ao casamento.

A gente namorava já há três anos e meio. Aí, a gente tava meio que em vias de morar junto. Aí, eu engravidei e a gente resolveu realmente oficializar a relação e casar mesmo. (Júlia, 38 anos)

No meu caso, foi o filho inesperado, né? Uma filha inesperada. (...) A partir do momento também que aconteceu a gravidez, foi mais aquela coisa... sempre tive vontade de ter um filho, né? "Vamos ter uma família, vamos conviver em uma família." (Alfredo, 41 anos)

Ela era minha namorada, eu conhecia há pouco tempo, ela ficou grávida. Eu estava apaixonado, eu não amava ela, eu estava apaixonado por ela. (...) Achei que teria que assumir essa posição, firmei o compromisso e tentei. Mas, não foi um... não foi nada planejado, né? Foi imposto, foi uma coisa... apareceu e eu tomei a decisão que eu tinha que tomar. (Sandro, 48 anos)

A gente não ia ter. Mas, na hora, ela resolveu ter. Eu assumi. Então... quer dizer, são coisas da circunstância. (Renato, 48 anos)

Além da descoberta de uma gravidez, é válido destacar também a pressão do relógio biológico, que precipita a mulher, muitas vezes, ao casamento e à maternidade.

Acho que a vida é um pouco cruel com a mulher, né? O relógio biológico. Eu acho que tem uma coisa muito... muito de relógio biológico e muito cultural, e uma cobrança em cima, tá? (...) Era uma coisa (o casamento) que eu quis, claro. Mas, eu vendo depois, friamente, eu vejo que tem uma cobrança muito cultural e eu acho que a mulher fica muito presa ao casamento e deixa de aproveitar algumas coisas. Eu acho, vejo, muitas mulheres assim (...) procurando o tal príncipe encantado (...) uma pessoa pra casar. O casamento é um objetivo, é um foco, é um... assim como você faz ginásio (...) termina o colégio, vai pra faculdade, você... Então, não tem uma rotina que se segue, mas uma cultura que se segue, em que faz parte chegar num ponto que você tem que casar, né? (...) No meu caso, tinha amor (...) não foi uma coisa de forçar a barra nesse sentido. Mas, existe uma cobrança cultural em relação a isso. Talvez, se eu não tivesse presa a essa coisa do casamento, não sei... (...) O homem se dá um pouco mais de tempo. A mulher, não. Eu, sei lá, já casei tarde. Pro homem, talvez, seja cedo, né? (Ana, 40 anos)

Embora a contemporaneidade comporte diversas formas vanguardistas de conjugalidade, internalizamos um modelo tradicional de casamento e família. Assim, apesar de a mulher ter outras aspirações, além daquelas relacionadas à esfera afetiva, ela identifica-se ainda com o casamento e a maternidade.

No discurso acima, a entrevistada refere-se ao casamento e à maternidade como norma, uma vez que as mulheres são pressionadas pela sociedade e, conseqüentemente, pelo relógio biológico a tornarem-se esposas e mães. A fala da participante está em consonância com o que é ressaltado por Rocha-Coutinho (2005; 2009), por Badinter (2011) e por Goldenberg (2001) a respeito da socialização da mulher, que leva a uma associação entre maternidade e feminilidade que perdura até os dias atuais.

O depoimento seguinte indica a permanência do estereótipo da “boa mãe”. Quando questionado sobre os motivos que o levaram ao casamento, o entrevistado afirmou que, além de estar apaixonado, a ex-parceira tinha o perfil de mulher que ele estava procurando, uma vez que ele buscava uma mulher que pudesse ser uma “boa mãe”, dedicando-se integralmente à maternidade.

Essa (a ex-parceira) (...) é uma mulher mais de casa (...) é uma menina mais serena e tudo mais. (...) Ela é...todo aquele perfil que eu tava procurando, de mulher. Uma mulher que gosta de criança, que pudesse ficar um tempo em casa, cuidando do meu filho. Porque eu não queria botar na mão de ninguém. (...) O que me encantou no início, voltando à pergunta, foi justamente o jeito de ser uma mãe realmente, né? (Pedro, 46 anos)

Na atualidade, essa imagem estereotipada da “boa mãe” ainda está presente, em maior ou menor grau, sendo corroborada pelos profissionais da área da saúde. Sendo assim, para algumas mulheres, os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos constituem ainda um “trabalho em horário integral”, conforme pontuado por Rocha-Coutinho (2009), por Badinter (2011) e por Goldenberg (2001).

5.1.2 Concepções de amor e casamento

Quando questionados sobre como entendiam o amor, vários participantes descreveram-no como um sentimento altruísta, em que prevalece a preocupação

com o bem-estar e a felicidade do outro. Amar, segundo os entrevistados, seria estar disponível, cuidar ou doar-se para o outro:

Amor é desejar bem ao outro... sem nenhum... nenhum interesse por retorno, entendeu? É aquele sentimento puro, puro, né? De carinho, de desejar bem, de torcer pela pessoa. (Bárbara, 38 anos)

O que eu entendo por amor é você querer cuidar da pessoa, ter carinho, compreensão, você ser companheiro, você se interessar pela vida da pessoa, você querer, você... é... tá preocupada quando o outro tá preocupado, é... dar suporte... dar suporte emocional. (Luíza, 42 anos)

Acho que é desejar o bem-estar da outra pessoa, querer estar com a outra pessoa é... fazer as coisas para que ela fique feliz e que te deixe feliz também por isso, né? É abrir mão e cuidar da outra pessoa, eu acho que é isso. (Antônio, 50 anos)

Eu acho que amor é uma... uma coisa do bem, né? Uma coisa assim de você... querer ser feliz, sabe? Buscar a felicidade, a felicidade das pessoas que tão com você é... é uma coisa que eu acho, assim, que é nada egoísta, entendeu? Que é pensando mesmo, assim, no todo, numa felicidade mais ampla. Quer dizer, muita coisa, né? Acho que, talvez, o sentimento mais importante que existe. Não há dúvida, né? Fundamental, né? (Renato, 48 anos)

É um sentimento de doação que você se permite por outra pessoa, né? De querer... de querer, sei lá, de alguma forma, cuidar dela, estar disponível pra ela, né? (Sandro, 48 anos)

Apenas uma entrevistada incluiu, na definição de amor, a preocupação em preservar a individualidade do outro. Apesar de liberdade e privacidade aparecerem no cenário contemporâneo como valores extremamente validados, essa participante foi a única que, ao definir o amor, mencionou uma preocupação em não invadir o espaço do outro. Seu discurso apresenta o paradoxo que caracteriza os relacionamentos amorosos na contemporaneidade:

*Amor eu acho que é uma entrega, uma doação **total** (grifo nosso), o máximo que você pode dar a alguém, né? (...) Sem que você tolha essa pessoa, né? Sem que você proíba essa pessoa de ser uma pessoa, sem que ela perca a individualidade dela, né? Sem que ela deixe de fazer as coisas dela. (...) Porque eu acho que as pessoas tem que ter privacidade,*

*elas têm que ter individualidade. E elas têm que aprender a conviver com as outras dessa forma, respeitando. Amando e respeitando, né? Então, assim, é aquela forma de você se doar e fazer **tudo** (grifo nosso) pelo outro. (...) Então, eu acho que é isso. É você se doar, né? **Integralmente** (grifo nosso), dentro de um limite de respeito ao outro, até onde você pode ir sem sufocar e impedir que ele seja uma pessoa. (Sônia, 52 anos)*

Essa definição aparentemente completa apresenta uma contradição, pois podemos questionar como é possível doar-se totalmente a alguém sem tolher sua individualidade. Podemos supor que a fala da entrevistada aponta para o desejo de fusão emocional, que tem sua representação consciente naquilo que ela denominou de “doação total”. Por outro lado, a participante está ciente da necessidade de preservar a liberdade e a privacidade do parceiro amoroso. Em outras palavras, no depoimento acima, o respeito à individualidade aparece juntamente com aspectos “simbióticos”, diretamente relacionados ao amor romântico. O conflito entre individualidade e conjugalidade aparece na fala da entrevistada, corroborando o que é destacado por Féres-Carneiro (1998) e por Goldenberg (2003) sobre o casamento contemporâneo.

Esse conflito pode ser observado também no discurso a seguir. Embora os aspectos “simbióticos” apareçam isoladamente na concepção de amor, quando o participante começa a discorrer sobre casamento, podemos constatar o mesmo paradoxo do depoimento anterior.

Amar é justamente isso, amar é você respirar a outra pessoa. Tudo que você for fazer, você tem sempre a lembrança de incluir aquela pessoa na sua vida, em qualquer... Então, pra mim, você falar pra pessoa “poxa, eu te amo” é uma coisa muito forte, não é uma coisa pra se falar da boca pra fora. (...) Eu acho que o que faz hoje o casamento perder o seu brilho é justamente você deixar os prazeres, as coisas que te davam prazer antes do casamento, quando você se une. (...) Você tem que assumir compromissos desse matrimônio, mas também não deixar as suas vontades de lado, né? Chegar pra sua esposa e falar “pô, hoje é quarta-feira, vou jogar uma bola com meus amigos”. (Pedro, 46 anos)

Os casais contemporâneos perdem-se, portanto, entre exigências que se contrapõem, de maneira que desejam a vivência da intimidade e da individualidade simultaneamente (GOMES, 1992; PORCHAT, 1992).

Além de aspectos fusionais, os entrevistados mencionam as categorias “para sempre” e “único”, também presentes no amor romântico. Analisemos as concepções de casamento a seguir:

Eu entendo por casamento “até que a morte os separe”, que a partir do momento que você escolhe a pessoa e você fica junto acredito... como o meu casamento, por exemplo, tinha amor... eu acredito em crises que... eu acredito em crises que poderiam ter sido resolvidas, tá? Casamento pra mim é... quando eu casei foi pra sempre. (...) Na minha cabeça, era pra sempre. (...) Quando eu casei, eu tava dando um passo pra sempre, entendeu? E com sonhos... algumas divergências e tal, mas pessoas que se gostam querem levar a vida juntas e fazer planos juntas. (Ana, 40 anos)

Casamento é uma união de duas pessoas que se amam e querem conviver pro resto da vida, que querem dividir, trocar, enfim... que têm compromisso um com o outro, né? (Júlia, 38 anos)

Acho que casamento, pra mim, foi um sonho, né? Um príncipe encantado, uma fantasia. E eu fiquei vendo essa fantasia muito tempo. Pra mim, era uma coisa que era pro resto, realmente, da vida e eu ia fazer o máximo... (Márcia, 47 anos)

Com dois anos de namoro, a gente casou. E aí realmente eu achei que era pra sempre (risos). (...) Parecia, mas não foi (risos). (Bruna, 39 anos)

Eu gostava dele pra cacete (...) eu me casei pra ficar a vida inteira casada (começou a chorar). (Sônia, 52 anos)

Caminhar lado a lado, com o mesmo objetivo, até o final da vida, na vitória ou na derrota. Um lado a lado do outro porque ninguém vive só de felicidade. (Joaquim, 41 anos)

É uma união que a gente... (pausa) não pensa que vai acabar, uma coisa que a gente acha que é pra sempre. (...) O casamento é uma instituição que você acha que é pra vida toda, que é uma coisa que você vai envelhecer junto, você vai... uma cumplicidade enorme. (...) Enfim, é um contrato, entre aspas, que você faz pra vida toda. Daí, a aliança, né? Que é uma coisa que não tem fim, nem começo nem fim. (...) Eu achava que ela seria a mulher da minha vida. Então, seria uma coisa pra toda vida. (...) Não foi. (...) Não é uma novela da Globo. (Hugo, 49 anos)

Sou de uma família em que as pessoas sempre tiveram casadas e felizes. Eu sempre acreditei que o casamento era um sacramento a não

quebrar, né? E eu acredito nisso, pode ter certeza que sim, apesar de não ter mais jeito de, daqui pra frente, manter essa promessa com Deus. (Antônio, 50 anos)

Apesar de as relações amorosas configurarem cada vez mais o que Giddens (1993) denominou de amor confluyente, os participantes tinham a expectativa de permanência em relação ao vínculo conjugal. Esses dados confirmam a ideia de que aspectos do amor romântico estão ainda presentes no imaginário social, resistindo à passagem do tempo, conforme postulado por Goldenberg (2003). No amor romântico, o casamento é indissolúvel porque o amor verdadeiro é para sempre. É interessante mencionar que o ideal de indissolubilidade é difundido também pela Igreja Católica, como percebemos no último depoimento.

Ainda, considerando a ideia romântica de que o amor verdadeiro é eterno, é válido observar a fala seguinte. Formulando uma distinção entre amor e paixão, a entrevistada afirma que o amor traz a segurança de que o casamento vai ser eterno:

Amor, diferentemente da paixão, que é aquela coisa louca, que tira os pés do chão, que faz ver coraçãozinho em tudo, o amor é aquela coisa morna, que faz... É uma coisa mais estável, mais segura... Solidifica tudo o que você sentiu na paixão de forma enlouquecida (risos), mas com segurança de que vai ser eterno, né? O casamento. Parecia (risos), mas não foi. (Bruna, 39 anos)

Nos depoimentos a seguir, as concepções de casamento mesclam aspectos românticos, como cumplicidade e companheirismo, com a capacidade de experimentar prazer sexual:

Cumplicidade, um tem que ser cúmplice do outro. Além do tesão, da cama, você tem que ter cumplicidade, tem que ter é...o carinho (...) É você cuidar, né? Da sua relação. O casamento, pra mim, seria um... "tamo junto e misturado pro que der e vier" (Luíza, 42 anos)

Ai, casamento, vou te falar. Acho que é tudo que eu tive com o Diego (ex-parceiro), de companheirismo, de cumplicidade, mas com uma dose de sexo bom, que eu não tive. Porque eu acho que isso é importantíssimo no casamento. (...) Acho que é sexo, amizade, cumplicidade. Querer

também... ter as mesmas vontades, ter as mesmas ambições, ter afinidades, né? (...) É um conjunto, é difícil, né? Acho que casamento é uma coisa... falida, né? (risos) (Beatriz, 39 anos)

Acho que casamento passa por todas essas questões que apoiam o amor, que eu falei: o companheirismo, a solidariedade, a presença, o apoio, o respeito, o sexo, o carinho. Eu vejo isso como um... uma coisa bastante completa. (Sandro, 48 anos)

A versão de amor contemporânea inclui a satisfação sexual como elemento fundamental na manutenção do vínculo amoroso. A importância atribuída ao prazer sexual pode ser observada também nas concepções de amor abaixo:

Amor... eu não sei... (...) É abrir mão e cuidar da outra pessoa, eu acho que é isso. Tem também a questão da atração, da paixão. Eu acho que isso movimenta muito o amor. E isso é positivo. (Antônio, 50 anos)

Amor... amor é uma combinação de... o amor pra sustentar um casamento é uma combinação de desejo, paixão e afeto. É isso. Confiança... (pausa) é isso. Desejo, confiança, afeto. (Arnaldo, 42 anos)

Na contemporaneidade, homens e mulheres entendem que o amor conjugal deve incluir a satisfação sexual. A sexualidade, desvinculada da procriação, tornou-se um atributo dos indivíduos e suas relações, como observaram Giddens (1993) e Gomes (1992). Sendo assim, a influência do romantismo nos vínculos amorosos tem limites, pois o amor romântico nunca colocou o prazer sexual como fator essencial do relacionamento amoroso. Tratava-se de um amor de companheiros, caracterizando-se por um “encontro de almas” (GIDDENS, 1993; POSTER, 1979).

5.2 Motivos da separação

Nessa categoria, serão analisados os fatores que, segundo o ponto de vista dos participantes, contribuíram para o processo de separação. Entre eles:

divisão sexual do trabalho, infidelidade, falta de amor, diferenças de educação e de interesses.

5.2.1 Divisão sexual do trabalho

Os papéis de gênero no casamento e na família ainda sofrem a influência dos valores tradicionais, a despeito do discurso que defende uma conjugalidade igualitária. Essa característica do casal contemporâneo aparece nas falas das participantes, quando indagadas sobre as razões do término do casamento:

Porque eu estava muito cansada, sabe? Não me ajudava, não ia no mercado. Eu que tinha que fazer isso tudo. (...) Eu pedia várias vezes pra ir no mercado, aí demorava a semana inteira e não ia. Tava ficando tudo zerado aqui. Aí, eu chegava onze horas da noite, dava de mamar, botava pra dormir, ele tava em casa e eu ia no mercado. Tava morta. (...) Porque ele não tinha essas responsabilidades, essa parceria que eu falo que o amor tem que ter. O casamento tem que ter parceria, companheirismo, cuidado um com o outro, você sentir o que o outro sente, tentar se colocar no lugar do outro. (...) Eu saía de casa triste, cansada, morta. Porque eu não tinha ninguém pra me ajudar, junto, sabe? Um marido que me ajudasse em tudo, não tinha. (Letícia, 42 anos)

Eu trabalhava, tava com a filha recém-nascida e, aí, ele queria atenção e eu também muito cansada. (...) Ele não foi muito parceirão, sabe? (...) Por exemplo, uma coisa que a gente decidiu junto foi, a cada quinze dias, não ter nenhuma babá, nada. Só que aí eu me dedicava muito mais por ela (filha) do que ele. Pra ele, era um fardo, aquilo era cansativo, entendeu? (...) Então, houve aquele afastamento natural, ou seja, cada um tava indo pra caminhos diferentes, né? (...) Principalmente o homem brasileiro ele é... ele tem esse lado, ainda muito acentuado, de ele prover financeiramente, né? E a mulher fica com a casa, com os filhos... Ele tem sido mais participativo com os filhos, mas mesmo assim ainda é aquela coisa muito... a mulher é muito mais sobrecarregada, entendeu? (Bárbara, 38 anos)

Da minha parte, foi... foi a falta da cumplicidade, foi a falta da... do cuidado. De repente, eu me vi cuidando da casa, cuidando do filho, cuidando dele. (...) Eu cuidava da parte financeira, da parte... tudo, cuidava de tudo. (...) Não tinha suporte nenhum. (...) Aí, começou a ser um desgaste, né? Porque eu me senti muito sobrecarregada, né? Que diacho de relação era essa em que eu tinha todos os deveres e ele... o único dever entre aspas dele era botar dinheiro em casa. (Luíza, 42 anos)

Porque eu não tava mais feliz, tava me sentindo muito sozinha. (...) Quando você tá... filho pequeno...aí a pessoa também não te ajuda muito. Aí mil crises, aí “vou melhorar agora”, aí não melhora mais, aí não

ajuda. Eu me sentia muito sozinha, entendeu? Eu não tinha mais um companheiro, que é o casamento, o companheirismo... o compromisso. (Júlia, 38 anos)

Optamos por não ter babá. Por isso que eu parei de trabalhar, pra não ter babá e cuidar da nossa filha. Eu me dediquei muito à gravidez, à maternidade. Então, realmente, por opção, eu acabei virando mãe em tempo integral. Com isso, meio que morri pra vida, né? Fiquei muito ali, naquela situação: mãe, mãe, mãe, o tempo inteiro. É... isso pode ter atrapalhado muito o casamento. Hoje, eu sei que isso pode ter atrapalhado muito o casamento. (...) Acho que a rotina, o dia a dia, é muito desgastante. E eu infelizmente... não sei se fui eu, se foi ele, se fomos nós... não sabemos lidar com isso. (...) Quando seu marido chega em casa e você não tá trabalhando, você tá com aquela cara de mãe, acabada, doida pra passar a criança pro pai, né? Que era o meu caso, sem babá, né? Fazia tudo. (...) Descabelada, a casa de cabeça pra baixo, brincando de tudo pra poder desenvolver a criança, preocupada com o desenvolvimento psicomotor, emocional (risos) lendo todos os livros de como desenvolver a criança (risos) A louca, né? A mãe que quer desenvolver a criança, seguindo todas aquelas coisas, né? (risos) Todos os manuais... Então, não dá pra ser perfeita, não dá pra ser a mãe perfeita, a mulher perfeita, a profissional perfeita... E a mulher quis esse lugar no mundo, né? Só que ela não dá conta de tudo, alguém tem que ajudar. (...) Ou você tem babá ou você se ferra. No meu caso, se ferra. rrsrrsrs (Bruna, 39 anos)

Essas falas indicam resquícios do momento histórico anterior. Apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, predominam ainda, no ambiente doméstico, os papéis de gênero tradicionais, o que gera uma distribuição desigual das tarefas desempenhadas no lar. Nos depoimentos acima, a pouca ou nenhuma participação dos homens nas atividades domésticas é entendida, pelas mulheres, como falta de companheirismo, cumplicidade e cuidado. Esses dados estão em conformidade com o que é descrito por Jablonski (2007) e por Heilborn (2004) sobre as tensões conjugais decorrentes de um padrão de conduta tradicional por parte dos homens.

Ainda, considerando a influência de valores tradicionais no casamento, é importante ressaltar o último depoimento. A entrevistada reflete sobre sua opção extrema de abandonar a carreira profissional para “virar mãe em tempo integral”, afirmando que essa atitude “pode ter atrapalhado muito o casamento”. Tal reflexão está em concordância com o que é ressaltado por Badinter (2011). Como afirma a autora, ao mesmo tempo em que o ideal de maternidade é cada vez mais coercitivo, a mãe em tempo integral pode ser rotulada de “desinteressante”.

Em contrapartida, entre os homens entrevistados, apenas um reclamou da conciliação família-trabalho, deixando bem claro ao longo da entrevista que ele acreditava ter desempenhado funções que eram, na verdade, responsabilidade da ex-parceira.

*Por causa da gravidez, ela, por ser uma pessoa meio chata com certas coisas, ela... não queria que colocasse nenhum estranho em casa pra ajudar. (...) Então, ela ficou durante onze anos quase, basicamente, cuidando das crianças, né? Onze anos porque, com seis, ela engravidou da segunda. Aí, quando ela começou a pensar em trabalhar, a mais velha tinha onze anos. Mas, só voltou a trabalhar no início de 2007. (...) O acordo era ela arrumar um emprego onde ela colocasse as meninas na escola e voltasse ou pra pegar ou pelo menos pra dar o jantar. Porque o meu horário é incerto aqui. Entendeu? E acabou que não era nada disso. Ela começou a trabalhar, saindo 8h da manhã e chegando 8h da noite. (...) Eu comecei **eu** (grifo dele) a fazer tudo pras meninas. (...) O que eu fazia? Eu acordava cedo, eu fazia a comida, eu dava almoço pra caçula, que entrava à tarde. Então, eu só saía de casa depois que a caçula ia pra escola. A mais velha chegava, eu dava almoço. (...) Então, eu já deixava tudo pronto pras duas. Almoço e jantar prontos. (...) Todo dia quem fazia a comida era eu, quem dava banho era eu, quem mandava pra escola era eu, né? E **ainda** (grifo nosso) tinha que aceitar as cobranças da mãe (da ex-parceira). Criticando... criticava a comida, mas comia a comida. (Marcelo, 45 anos)*

Enquanto as falas femininas denunciaram a pouca ou nenhuma participação masculina na realização das tarefas domésticas, esse depoimento indica, de fato, uma mudança comportamental por parte do entrevistado. Essa mudança não é acompanhada, contudo, por uma transformação ideológica. O participante queixa-se de que a ex-parceira não cumpriu o acordo por eles estabelecido, que consistia na promessa de que ela arrumaria um trabalho de meio-expediente. Nessa promessa, que não se concretizou, fica implícita a ideia de que o cuidado com as filhas é responsabilidade da ex-parceira, de modo que o entrevistado assumiu esse cuidado como se ele estivesse fazendo uma concessão, ou seja, ele estava fazendo algo que, a princípio, não era sua obrigação. É interessante observar que ele afirma que “**ainda** tinha que aceitar as cobranças da ex-parceira”.

No caso desse participante, o reingresso da ex-parceira no mercado de trabalho, em tempo integral, foi um fator que contribuiu para o processo de separação. No próximo discurso, verificamos exatamente o contrário. O

entrevistado menciona a dificuldade financeira enfrentada no casamento a partir do momento em que ele se torna o único provedor da casa.

Foi uma época muito ruim que a gente conviveu, entendeu? A gente ganhava muito bem, os dois ganhavam muito bem, aí um perdeu o emprego, o outro perdeu o emprego é... Aí, ela desistiu de tudo, foi fazer concurso. Aí, ficou estudando pra concurso uns três, quatro anos. E só estudando e eu só trabalhando, sabe? Uma só estudando, passando o dia todo fora, e eu só trabalhando, sabe? A nossa convivência foi se... sei lá, fugindo, entendeu? Foi se desgastando. Aí, veio o filho também. Aí, o que acontece? A nossa renda cai, só que nossos gastos aumentam. (...) Aí, começou o conflito, a briga, é... E ela só estudando e eu só trabalhando, pagando as contas todas, entendeu? (...) Foi um erro que a gente entrou sem fim, entendeu? (Arthur, 39 anos)

Ao mesmo tempo em que as transformações sociais pulverizam lenta e gradativamente a figura do provedor, contribuindo para a ruptura da hierarquia doméstica, marcas da estrutura tradicional subsistem no imaginário social (GOMES e RESENDE, 2004). Dessa forma, entre os depoimentos masculinos, notamos os resquícios da cultura patriarcal. Se, por um lado, a divisão tradicional do trabalho afasta ainda a maioria dos homens das tarefas domésticas, por outro, aprisiona-os muitas vezes no papel de principais provedores da família. Essa situação pode ser vivenciada com angústia pelos homens, que se sentem frequentemente aliviados quando podem contar com suas esposas no orçamento doméstico (RAMOS, 2003).

5.2.2 Infidelidade

A infidelidade é o fator que mais aparece no discurso dos participantes quando indagados sobre as razões pelas quais a separação ocorreu. Os relacionamentos extraconjugais aparecem, como motivos para o término do casamento, mais na fala das mulheres do que no discurso dos homens.

*Eu falei que não acreditava mais na gente. Porque ele me decepcionou tanto que eu não acreditava mais. (...) Ele me decepcionou... ele começou a me decepcionar **quando nosso primeiro filho nasceu** (grifo nosso), entendeu? Porque ele me traiu, eu descobri. E, antes de eu saber que ele tava me traindo, eu já percebia a frieza dele. A nossa filha tava*

com meses, entendeu? (...) Ele começou a me decepcionar ali e ele parou... quer dizer, ele parou não, ele continuou me decepcionando, entendeu? (Laura, 34 anos)

Eu que botei ele pra fora (rsrsrs), mas ele que fez besteira, entendeu? Ele começou a me chifrar, entendeu? Arrumou outra, entendeu? Então, teve traição, mas... eu tava com... aquela história, né? **Eu tava com neném pequeno** (grifo nosso), né? (Ana, 40 anos)

Porque ele era muito galinha e, aí, chegou um dia, né? (...) Tem um limite pra tudo na vida, né? (...) Eu comecei a descobrir muita galinhagem, galinhagem atrás de galinhagem. Depois, descobri site na internet, onde ele tinha perfil pra fazer putaria. E, aí, eu não quis mais, né? Chega. Eu acho que tudo na vida tem um limite. (Sônia, 52 anos)

Eu fui ver os e-mails do trabalho. (...) Ele esqueceu e desligou só o monitor. (...) Tavam os e-mails todos lá: “ah, minha querida, quando eu for pra Búzios velejar, a gente vai se encontrar de novo...” (...) Ele falou que isso era só uma brincadeira. (...) Eu falei que não importava. “Eu não quero nem saber se isso é brincadeira ou não. A gente já tá terminando o casamento aqui.” (...) Eu já estava me separando e, aí, só agravou. Foi assim o pinga d’água, né? (Letícia, 42 anos)

Ele quis se separar. Ele arrumou uma mulher, né? Que trabalhava com ele, que era estagiária dele, assistente dele, que eu botei na empresa, que eu aumentava o salário, frequentava a minha casa. (...) Então, isso pra mim... eu fiquei muito mal porque foi aquele choque, né? Eu nunca imaginei que ele fosse fazer isso, ainda mais com uma pessoa que frequentava a nossa casa, que eu protegia. (Beatriz, 39 anos)

Ele disse que tava indo embora, que a gente não tinha mais nada a ver. (...) Hoje, eu já sei quem é a pessoa, eu sei como aconteceu. Foi no trabalho, uma pessoa que trabalhava com ele há oito anos, uma pessoa que era casada, separou no mesmo dia. Tem uma criança envolvida na situação, que não se sabe até hoje se é filho dele ou não. (Bruna, 39 anos)

Não foi uma decisão iniciada por mim é... foi ele que tomou a atitude de sair de casa. (...) Depois, aí, você vai juntando... ele já saiu de casa já envolvido com essa menina. Essa menina já ligava pra ele, entendeu? (...) Então, ele já tava engatilhado com essa menina. Talvez, não tão seriamente, mas seduzido, né? Menina nova é... pessoa nova, né? (Bárbara, 38 anos)

O que aconteceu? Existia uma coisa no meu casamento no final... meu casamento terminou em traição. O que acontece? Naquele momento, de ela verbalizar “eu quero me separar”, ela já tava tendo um envolvimento com alguém. Mas, não era um envolvimento de anos, nada disso. Era

tipo uma coisa assim, ela começou o relacionamento com uma pessoa... e sabia que aquilo era a gota d'água, entendeu? Na semana seguinte, sei lá, um mês depois, ela falou "eu quero me separar". E, quando eu soube daquilo, é uma coisa muito ruim. Pro homem, essa coisa de traição é muito complicado... (Arnaldo, 42 anos)

Eu saí de casa. (...) Eu simplesmente entrei no computador e vi uma conversa. Acordei ela. Eram seis e meia da manhã, xinguei ela, né? (...) Vinha infeliz há um ano, eu acho que eu nunca estive tão infeliz na minha vida e o evento gota d'água só veio a ratificar aquilo que a gente efetivamente já sabia que estava acontecendo, que um não queria mais estar com o outro. (...) No fundo, no fundo, nós estávamos tão infelizes que isso iria acontecer de um lado ou do outro. Aconteceu desse lado. Foi infelicidade mesmo, acho que esse é o ponto. (...) Vejo desse modo. Nem por causa disso diminuiu a dor não. (...) O fato de ela ter me traído e eu ter pego é... não quer dizer que eu não tenha cometido tal pecado, só não fui pego. (...) Eu, quando traí, eu fui buscar sexo, né? Sexo, apenas isso, jamais busquei uma relação. Apesar de as oportunidades aparecerem, eu jamais busquei uma relação. E ela, não. Ela foi buscar uma relação, ela não foi buscar sexo. Não só sexo, vamos dizer assim... (Antônio, 50 anos)

Ela falou que reencontrou um cara que ela conheceu na infância, que ela tinha gostado muito. (...) E o que acontece hoje? Hoje, a situação... ela tá, hoje, vivendo com esse cara... (Pedro, 46 anos)

Enquanto discorriam sobre as razões que as levaram ao término do casamento, algumas mulheres afirmaram que tomaram a iniciativa de separação diante da infidelidade dos ex-parceiros. Esses dados estão em consonância com as afirmações de Priore (2005), Féres-Carneiro (2003a) e Goldenberg (1995) sobre a intolerância das mulheres em relação à infidelidade masculina.

Analisando esses depoimentos, outra questão que se impõe é a constatação de que a infidelidade, como motivo para a separação, aparece mais nas falas femininas do que nas masculinas. Essa situação pode indicar a permanência da dupla moral masculina, mesmo que como um vestígio do momento histórico anterior. Esses resultados estão em conformidade com aqueles encontrados por Jablonski (2009), uma vez que o autor verificou que, quando se referem a si mesmos, os homens mostram-se muito mais liberais do que as mulheres quanto à infidelidade.

No presente estudo, uma das falas masculinas indica o padrão duplo de moralidade. O participante conta que "xingou" a ex-parceira quando descobriu sua relação extraconjugal. Em outro momento da entrevista, ele reconhece, contudo, que já tinha cometido "tal pecado", embora não tenha sido descoberto.

O entrevistado afirma que, apesar de ter sido infiel, nunca buscou um envolvimento amoroso, apenas sexo. Esse discurso confirma o que foi descrito por Poster (1979) e Giddens (1993) sobre o comportamento sexual masculino tradicional, que consiste na cisão entre amor e sexo.

Por outro lado, é digno também de nota que, ao discorrer sobre os motivos da separação, algumas mulheres afirmaram que a iniciativa de terminar o casamento não partiu delas. Segundo essas participantes, os ex-cônjuges decidiram pela separação porque eles já estavam envolvidos amorosamente com outras mulheres. Sendo assim, a continuidade do padrão duplo de moralidade tem limites, já que a cisão entre a figura da esposa e da amante não se sustenta, muitas vezes, nos dias atuais. A satisfação sexual no casamento é um componente da versão contemporânea do amor (GIDDENS, 1993).

A maioria dos entrevistados acima mencionou, em algum momento da entrevista, a insatisfação sexual como uma dificuldade do casamento. Alguns participantes fizeram uma associação direta entre infidelidade e vida sexual insatisfatória, enquanto outros comentaram essas questões em momentos diferentes da entrevista. De qualquer forma, podemos supor, então, que a insatisfação sexual aparece, nas entrevistas, direta ou indiretamente associada à infidelidade e, conseqüentemente, ao término do casamento.

*Durante dois anos, a gente teve um namoro incrível. Eu era a maravilhosa dele, a gostosa, linda. Aí, **quando tava ali com a bebezinha em casa** (grifo nosso), cuidando, dando de mamar, eu comecei a ser desinteressante. Eu comecei a ficar a “boring”, entendeu? (...) Tipo assim, ele tinha tédio comigo. Entendeu? Aí, ele me decepcionou quando eu descobri essa traição. (Laura, 34 anos)*

Eu já nem transava mais com ele. Já tinha um ano, eu acho, que eu não transava mais com ele. (...) Hoje, eu sou espiritualista, mas teve uma época que eu frequentava só o Budismo. (...) Aí, eu lembro que, quando a gente chegou de viagem, fui eu lá pro meu templo budista rezar, orar e tal. Enfim, eu cheguei em casa dizendo que eu tinha que passar um tempo sem transar. Porque a gente é... E ele também já não tava fazendo a menor questão. Porque a gente ia fazer, sei lá, uma oferenda. Não existe isso no Budismo (risos). (Sônia, 52 anos)

Eu não tinha uma atração física por ele. Ele não era o tipo de homem que me atraía fisicamente, na cama. Eu não tinha pele com ele, entendeu? Eu acho que a gente só não foi o casal feliz, certo, porque não... não tinha essa parte. Não tinha. (...) Acho até que ele tinha mais por mim... eu não tinha, sabe? Não sei como fiquei tanto tempo casada com ele. E olha

como é louco... E ele quis se separar. Ele arrumou uma mulher, né?
(Beatriz, 39 anos)

Ele disse que, **depois que a nossa filha nasceu** (grifo nosso), a gente foi ficando amigo, amigo, amigo... (...) Acho que a rotina, o dia a dia, é muito desgastante. (...) Quando o casal sabe lidar com isso, leva numa boa, tira de letra. Posso te dizer que eu ajudei alguns casais de amigos depois que eu me separei. **Porque eu vi que tava acontecendo a mesma coisa** (grifo nosso). E a idade da minha filha era compatível com a idade dos amigos. E, aí, eu tava vendo que **ia acontecer igual** (grifo nosso). Aí, eu pegava a mãe, puxava: “pelo amor de Deus, entra numa loja de lingerie agora (risos), inventa uma noite romântica, despacha essa criança pra casa da avó, faz uma noite das arábias, uma noite de não sei o que.” (...) **Porque é assim e não adianta. E, quando acontece com alguém do trabalho...** (referindo-se ao relacionamento extraconjugal do ex-parceiro). É muito normal acontecer com alguém do trabalho. E a pessoa no trabalho tá sempre arrumadinha, bonitinha é... almoça junto, tá cheirosinha, lindinha. (Bruna, 39 anos)

A gente tinha muito tempo de relação. Eram dezesseis anos já juntos. Muito novos, começamos muito novos, ingênuos, né? Eu, dezessete anos; ele, dezenove. Aquele namorinho muito juvenil e... muito amigos um do outro. (...) Acho que esses relacionamentos duradouros vão perdendo, né? Tesão. (...) Você cai pra um amor e uma amizade enorme e... a grande dificuldade é você manter a libido do casal, né? E... a rotina consome muito isso também, né? (...) E **culminou com o nascimento da nossa filha** (grifo nosso), com que ele teve muita dificuldade, muita dificuldade. (...) A mãe fica mais voltada pro bebê e ele perdeu minha atenção. Já não tinha mais aquela minha atenção exclusiva. (Bárbara, 38 anos)

Nunca foi um casamento bom. No aspecto sexual, não era um casamento bom, bastante insatisfatório e... **quando você tira essa coisa do casamento, você já elimina um grande pedaço** (grifo nosso). Quando você tira o aspecto sexual... (...) Então, a gente tinha se tornado... era um casamento meio que fraternal, quase incestuoso, entendeu? Aí, virou pó, virou pó... ele morreu aos pouquinhos, entendeu? (Arnaldo, 42 anos)

De repente, nós já tínhamos duas televisões na casa, e não uma. Então, nós não víamos mais os mesmos canais. Eu ficava no sofá e ela ficava na cama. Eu ia dormir cedo porque, às vezes, tinha que trabalhar muito cedo. E ela só se deitava quando eu já estava dormindo, né? E eu tenho certeza que ela, assim como eu, não tinha nada que reclamar da nossa vida sexual. A gente sempre se deu muito bem na cama. Mas, a cama já não aparecia com a frequência que eu tinha desejo. E, talvez, pra ela, também não. E, aí, você começa a chutar o balde, né? (Antônio, 50 anos)

Os depoimentos dos entrevistados indicam, uma vez mais, que a satisfação sexual é considerada um componente importante do vínculo conjugal. A fala de um dos participantes ilustra bem essa questão, pois ele afirma que “quando você tira essa coisa do casamento, você já elimina um grande pedaço”. Essa afirmação corrobora a ideia, postulada por Giddens (1993), de que a sexualidade aparece no cenário contemporâneo como uma “propriedade” potencial dos indivíduos e suas relações.

Por último, é válido ressaltar que algumas mulheres associaram a infidelidade dos ex-parceiros ao nascimento do primeiro filho. Como observou Badinter (2011), a chegada de uma criança pode esmorecer o vínculo conjugal, uma vez que os cuidados com o bebê afastam o casal da sexualidade. A mulher, absorvida pela função materna, não é mais necessariamente objeto de desejo para o parceiro que a observa. Muitos casais têm dificuldade de retomar a vida sexual, não conseguindo conciliar a vida amorosa com os novos papéis parentais.

5.2.3 Falta de amor

Enquanto a infidelidade aparece mais, como motivo para a separação, no discurso das mulheres, a falta de amor predomina na fala dos homens. Corroborando a afirmativa de que o amor é uma das principais motivações para o casamento, os entrevistados afirmaram que a falta de amor foi uma das razões que os levou à separação. Eles disseram que não se sentiam amados pelas ex-parceiras.

Eu sugeri (a separação) porque eu vi que a situação tava muito... achava que tava ruim. E ela concordou plenamente. (...) Eu acho que ela já não... há muito tempo, já não... (...) Você não pode tá casada com alguém que você não admira. Então, o que faltava pra ela... (pausa) era exatamente amor. Porque não havia admiração, não havia carinho, não havia desejo. (...) No fundo, talvez até inconscientemente, eu queria isso. Porque... você pode viver sem muita coisa (pausa) você pode viver até sem sexo. Difícil, mas pode. Você não pode viver é sem olhar. (...) Me sinto como o final da “Trocando em Miúdos”, do Chico Buarque. “Eu bato o portão sem fazer alarde; eu levo a carteira de identidade; uma saideira, muita saudade; e a leve impressão de que já vou tarde.” É isso que eu... isso que é o pior. Não é bater o portão sem fazer alarde. A pior certeza é a leve impressão de que você já vai tarde. (Hugo, 49 anos)

Há seis meses ela tava dormindo na sala. Eu, dormindo no quarto. Ela não queria dormir comigo. Já tava praticamente separada, né? (...) Eu peguei todas as coisas dela e levei pra casa da mãe dela. (...) Primeiro que eu fiquei com uma lacuna muito grande afetiva. Porque... tanto eu quanto meu filho, entendeu? Porque ela parecia que não tinha amor pra dar, afeto pra dar. (...) Não foi um casamento por interesse porque ela não tinha absolutamente nada assim de material pra acrescentar na minha vida. Uma relação mesmo de afeto, de amor, mas que foi egoísta porque só... esse amor, esse afeto, só existia da minha parte assim, de certa forma. (Renato, 48 anos)

Foi minha, foi minha (a iniciativa de separação). Não existia amor. Eu ia tá ali do lado só pra que? Pra dizer que tamos juntos porque nós temos uma filha? A minha filha é minha filha. E vai ser sempre filha... (...) Não teve nada de amor no meu relacionamento. Meu relacionamento foi aventura. Conheci numa quinta, na outra sexta, foi morar comigo. Ficamos um bom tempo, curtimos. Não teve amor. (...) Ela não casou com o Joaquim, ela casou com o personagem da empresa. Pra ela, era status. (...) Eu vivo pra pagar minhas contas como qualquer outra pessoa. Ela vivia... “sou casada com o fulano de tal, de tal empresa”. E isso aí foi atrapalhando nosso relacionamento, como até hoje, após a separação. (...) Na verdade, eu nunca quis isso. (...) O amor, que não existiu, que nós pensávamos que era amor, acabou. (Joaquim, 41 anos)

Não sei, falta de amor. (...) Na verdade, quem quis separar foi a minha espo... ex-mulher, né? Foi... o que ela passou pra mim foi que parou de gostar, ficou estranho. A nossa relação começou a ficar ruim, ela não gostava mais e... a gente começou a brigar, vários conflitos de relacionamento é... Aí, eu resolvi sair de casa. Não tinha mais clima, dizia ela que não gostava mais de mim, que não sentia mais tesão, prazer... A gente se separou por causa disso. (...) Na verdade, a gente tava ficando nos últimos meses por causa da nossa filha. Muito pequena, a gente achava que a situação não ia ser boa pra ela. Então, a gente tava convivendo junto, mas não como casal. Eu dormia na sala, ela dormia no quarto. (...) Mas, isso culminou num ponto que eu não aguentei. Falei que, mesmo gostando dela... (...) Aí, eu peguei minhas coisas e saí fora. (Arthur, 39 anos)

No finalzinho, as coisas foram tão assim é... como um barbante que vai pindo, vai pindo... chega uma hora que arrebenta. (...) Ela disse pra mim que não me amava mais, né? Eu perguntei a ela se era isso mesmo que ela queria. Eu fui assim muito sereno quando ouvi a resposta. Não gritei, não fiz nada. Porque já tinham, algumas vezes, alguns sinais disso. Eu nunca cheguei pra ela e falei “olha, eu não quero mais nada com você”. Nunca falei isso. Só que ela já tinha falado pra mim três vezes. (Pedro, 46 anos)

Considerando que, na contemporaneidade, a tradição e a transformação caminham juntas, é interessante notar que, enquanto as subcategorias anteriores indicam a prevalência de valores e comportamentos tradicionais, a maioria das falas acima aponta para um homem que valoriza a dimensão amorosa. Embora o homem tenha se afastado do domínio da intimidade, tornando-se “especialista” apenas no que diz respeito às técnicas de sedução e conquista (GIDDENS, 1993), esses participantes valorizam a relação a dois no seu sentido mais afetivo, não se contentando em permanecer num casamento sem amor. O primeiro entrevistado afirma, por exemplo, que é possível viver sem sexo, mas não “sem olhar”. O terceiro diz que não existia amor na relação, pois a ex-parceira casou com um personagem.

Apesar de Giddens (1993) ter pontuado que os homens em geral excluíram-se de questões relacionadas ao domínio da intimidade, esses participantes demonstraram uma disponibilidade para comunicar aspectos íntimos, mantidos ocultos da maioria das pessoas. Suas falas denunciaram uma capacidade de *revelar-se*, confirmando o que destacou Nolasco (1995) sobre a busca masculina de novas formas de inserção na cultura contemporânea. Como pontuou o autor, já existe uma “autorização” social para que os homens manifestem comportamentos até então atribuídos às mulheres.

No presente estudo, a dificuldade de encontrar homens que ainda não tinham recasado para compor a amostra confirma os achados de Féres-Carneiro (2003b) sobre a dificuldade dos homens em permanecerem sozinhos. Por outro lado, é válido enfatizar também que metade dos homens entrevistados tomou a iniciativa de separação, mesmo não tendo nenhum relacionamento extraconjugal. Os depoimentos acima ilustram essa afirmativa.

Quanto às mulheres, apenas uma entrevistada mencionou o fato de não se sentir amada como motivo para separação. Para ela, a infidelidade do ex-parceiro significa falta de amor.

Eu me descobri não amada, não amada suficientemente. Eu acho que ele não me amou. Eu servi pra ele pra alguma coisa, sabe? Mas, não era propriamente amor. Eu fui meio que um tapa buraco, digamos assim. Pra... sei lá, pra ele ser o médico renomado. Sei lá, e ele ficar por trás, fazendo as coisas dele. Como meu pai, que precisava de uma mulher linda e maravilhosa (...) do lado, pra poder levar pros congressos e... Mas, por trás, ele fazia a vida dele. (...) Em sessenta anos casado com a minha mãe, ele deve ter tido umas cinquenta amantes. (...) E minha mãe aceitava porque isso era normal. Pra mim, isso não é normal. Então, eu não acho que isso seja amor. Isso não é amor pra mim. (Sônia, 52 anos)

Quando as mulheres falam da infidelidade masculina como uma das causas do término do casamento, ao mesmo tempo em que elas estão enfatizando que a traição masculina é mais aceita culturalmente do que a feminina, elas estão explicitando também que se tornaram amorosamente mais exigentes (FÉRES-CARNEIRO, 2003a). Os resultados encontrados corroboram, mais uma vez, as afirmações de Priore (2005), Féres-Carneiro (2003a) e Goldenberg (1995) sobre a intolerância das mulheres em relação à infidelidade masculina.

5.2.4 Diferenças de temperamento, de educação e de interesses

Diferenças de temperamento, de educação e de interesses também foram apontadas pelos participantes como fatores que contribuíram para o processo de separação.

*Nossos temperamentos eram muito diferentes, tanto o meu e o dele quanto a minha família é totalmente diferente da dele. (...) Aquele pessoal... explosivo... explode e daqui a pouco tá tudo bem e... meio bipolar, depressivo e daqui a pouco tá tudo bem de novo, entendeu? Então, é uma pessoa que, pra conviver do lado, é muito difícil. (...) Eu não gostava do tratamento deles (familiares do ex-parceiro) entre si, né? Mas, **você tem a ilusão de que com você vai ser diferente** (grifo nosso), na época, né? (...) Sabe quando você tem até vergonha de sair com ele porque você não sabe se ele vai dar atenção pras pessoas que você gosta ou não. E isso me fazia mal porque eu trato todo mundo bem. Então, eu me separei por essa diferenciação de caráter. Não é nem caráter, né? De temperamento. (Letícia, 42 anos)*

*A gente não tinha muita troca... o meu ex-marido é uma pessoa muito diferente de mim, de temperamento, de **não gostar das mesmas coisas**. (grifo nosso) (...) Ele é uma pessoa muito do bem e tal, só que ele vem de outro nível de educação, de família, diferente do meu. Então, assim, era difícil de a gente... tinha coisas que eu não entendia que ele tinha limitação. E tinha coisas que ele não entendia de mim, porque era tão fácil tudo, entendeu? (...) Eu não passei por problemas que ele passou. Então, tem coisas que a gente, né? De vida, nossa carga, nossa bagagem. (Júlia, 38 anos)*

Em algum momento, lá atrás, eu acho que a gente perdeu os objetivos. Eu acho que o que leva alguém a se separar, ou ficar triste, ou não ter mais o amor, ou até desrespeitar a ponto de sair com outra pessoa, é porque não compartilha mais objetivos. Nós tínhamos objetivos comuns muito sólidos e, cada vez que alcançávamos um, eu acho que tínhamos que restabelecer outros. E houve um momento em que não tínhamos

*mais os mesmos. O que ela fazia, fazia por ela. O que eu fazia, eu fazia por mim. (...) Íamos renovando objetivos, mas chegou uma hora que eles já não tinham sintonia. Os meus eram muito mais egoístas... e os dela também... Eu queria coisas pessoais e ela coisas pessoais, e não coisas familiares. Eu acho que é por aí. Eu acho que isso realmente detona uma relação. (...) **Talvez, uma falta de objetivo fosse o grande objetivo dela** (grifo nosso). Não querer chegar a lugar nenhum. E isso eu já não agüentava mais. (Antônio, 50 anos)*

Considerando o primeiro e o segundo depoimentos, é possível notar que as incompatibilidades já estavam presentes desde o início do casamento, pois elas estavam relacionadas a diferenças de temperamento e de educação. No primeiro discurso, a entrevistada afirma, por exemplo, que “tinha a ilusão de que com ela seria diferente”.

No caso do último participante, que ficou casado durante dezenove anos, sua fala indica uma desvinculação gradativa, em função da extinção paulatina de objetivos comuns, que não foram renovados ao longo dos anos. Esse depoimento está em consonância com o que é pontuado por Caruso (1989) sobre o processo de desenlace conjugal, uma vez que o autor considera que o término do casamento pode ser o resultado da morte lenta de laços mantidos durante longo tempo. É válido observar que o entrevistado afirma que “talvez, uma falta de objetivo fosse o grande o objetivo dela”. Essa fala corrobora o que nos dizem Kaslow e Schwartz (1995) a respeito do equilíbrio do casal, que se rompe quando um dos parceiros cresce enquanto o outro fica estagnado.

A segunda participante diz que ela e o ex-cônjuge “não gostavam das mesmas coisas”. Tanto essas diferenças de interesse quanto as diferenças de objetivo, mencionadas pelo último entrevistado, estão em conformidade com os achados de Wallerstein e Kelly (1995), pois os autores citaram, entre os resultados encontrados, ex-cônjuges que tinham interesses e objetivos incompatíveis.

5.3 Dissolução da conjugalidade

Nessa categoria, emergiram os seguintes aspectos relacionados à dissolução do vínculo conjugal: cenas representativas da ruptura, sentimentos logo após a separação, questões relacionadas à parentalidade, sentimentos

atuais em relação à separação, reconstrução da identidade, relação com o ex-cônjuge, perspectivas em relação ao recasamento.

5.3.1 Cenas representativas da ruptura

Ao discorrerem sobre o processo de dissolução da conjugalidade, alguns participantes mencionaram cenas que foram decisivas, já que, a partir delas, houve um entendimento de que o casamento havia terminado de fato.

Quando ele saiu de casa, ele falou alguma coisa de tempo. E, de repente, ele já veio falando de advogado. Ele já tava com tudo muito planejado. Ele já tinha advogado, ele já tinha tudo. Então, durou só quinze dias essa confusão toda na minha cabeça. Quando ele falou a palavra “advogado”, eu caí na real. Eu falei “ok, é separação mesmo”. (Bruna, 39 anos)

Chegou um dia, que foi um aniversário de família, em que ele (ex-parceiro) foi buscar minha filha pra participar do aniversário e levou a menina (namorada), sem a minha filha ter sido preparada, sem ter sido conversado nada com ela, entendeu? (...) A situação tava aquele limbo, né? (...) E...aí, ali, realmente, pra mim, foi a gota d'água e, aí, dali pra frente, a minha conversa já foi toda pra separação. (...) O negócio foi, pra mim, um rasgo, entendeu? Foi um rasgo pra mim. E, aí, a gente começou aquelas conversações doídas, difíceis, feias, vamos dizer assim, de separação, né? (...) Então, isso tudo levou assim um ano, um ano, entendeu? Na verdade, a gente levou um ano pra eu tomar essa posição e, depois, mais um ano pro negócio sair no papel de fato. Acabou que a gente fez certinho aqueles dois anos que o casal tem que ter de separação de corpos pra, daí, legalizar, sabe? (Bárbara, 38 anos)

Chegou uma briga que a minha filha, novinha ainda, mas viu. Aí eu falei “não, parou”. “Não quero isso pra ela, não quero isso pra mim, não quero isso pra você. Acabou, vai cada um pro seu lado.” (...) Aquela cena, de ela acordar e ver que eu tava discutindo, me chocou. Então, aquilo ali foi a gota d'água pra eu sair de casa. (Alfredo, 41 anos)

Foi quando as coisas realmente se materializaram. (...) No momento que eu vi que eu tava morando sozinho... (pausa) A certeza corrosiva da irreversibilidade. Aí, sim acabou. (...) Olha, o que tava num cabide vai pra uma caixa, com esses armários de mudança. A realidade acabou ali. (Hugo, 49 anos)

No caso do primeiro e do segundo discursos, as cenas narradas pelas entrevistadas indicam que, para algumas pessoas, o processo legal da separação pode ser vivenciado como um ritual de passagem. Enquanto a primeira participante entendeu que a decisão do ex-parceiro era definitiva quando ouviu a palavra “advogado”, a segunda afirmou que tomou a decisão de legalizar a separação quando o ex-parceiro tomou uma atitude que ela considerou a “gota d’água”. Esses resultados estão de acordo com a afirmação de Pereira (2003), que diz que o processo judicial da separação é uma espécie de ritual de passagem, que concede a quem se separa um novo estatuto, como também, um marco psicológico que tem o efeito de fechamento de um ciclo.

Tanto essas cenas quanto aquelas mencionadas nos depoimentos seguintes podem ser entendidas como representativas da ruptura. Em outras palavras, as cenas acima são, para cada entrevistado, o momento simbólico da separação, representando que o corte vincular ocorreu de fato. Esses dados corroboram o que postulou Andino (1996) sobre a cena representativa da ruptura. É válido destacar que, enquanto a autora faz alusão a pessoas separadas que se referiam a essa cena como “um cristal que se quebrou”, a segunda participante refere-se ao momento simbólico da separação como “um rasgo”.

No caso do entrevistado que mencionou a mudança de casa como representação de que “a realidade acabou ali”, sua fala demonstra que a separação física pode ser um dos momentos mais dolorosos, conforme ressaltado por Kaslow e Schwartz (1995). Quanto ao participante abaixo, ele fez referência a duas cenas que representaram o corte vincular.

Chamei a Daniela (filha) e ela (ex-parceira), entreguei minha aliança a Daniela...foi traumático, né? Disse a ela que não era por ela, era porque o amor tinha acabado. (...) Chorou muito, me ajudou a arrumar minhas coisas, a Daniela, minha filha. Me levou até o carro e eu fui embora, pra casa da minha mãe. Foi isso que aconteceu, foi desse modo, né? A ela (ex-parceira) eu absolutamente não falei nada, nem merecia que eu falasse. A minha filha era quem merecia alguma satisfação nesse sentido. (...) Eu sempre quis um relógio, um relógio que eu acho demais, acho lindo. (...) É uma marca cara. Eu passei a minha vida, querendo esse relógio. Mas, eu jamais compraria esse relógio porque eu sempre achei que a família, de repente, tinha outras necessidades do que um relógio. Naquele primeiro mês que eu me separei, eu comprei o relógio. Porque aquele dinheiro não era mais da família, era meu. (...) Todos os meus recursos materiais e emocionais sempre foram dedicados à família. E a família destruída... eu queria dar esse recurso pra mim mesmo. (Antônio, 50 anos)

Tais cenas são ritualísticas, simbolizando a passagem da condição de casado para a de separado. Mais uma vez, os dados evidenciam a necessidade de corporificar o ato da separação, inaugurando uma nova fase de vida. (PEREIRA, 2003; ANDINO, 1996).

Por outro lado, uma entrevistada narrou uma cena que poderia ter sido o momento simbólico da separação, dando o efeito de fechamento de ciclo, mas é possível pensar que essa cena teve um efeito contrário, em função de uma ferida narcísica.

Depois (que o ex-parceiro saiu de casa), eu vi ele com alguém. Nem era a mulher com quem ele teve um caso não, com outra, aqui no Rio e tal. Saí no mesmo lugar. Aí, eu dei uma surtada. Aí, eu quis voltar, entendeu? Aí, teve todo um processo de eu querer voltar. Mas, antes de eu ver, eu não queria voltar. (...) Eu via na rua. Aí, ficava mal. Aí, via as cenas de carinho. Era tudo que eu queria ter, não necessariamente com ele. (...) Eu via que ele tava tendo tudo aquilo que eu queria ter, entendeu? Então, isso é muito difícil de administrar. (...) . Quando você tá com o coração vazio é muito complicado você ver o outro bem, com tudo que você gostaria de ter, né? (Ana, 40 anos)

Podemos supor que a cena narrada provocou na participante uma ferida narcísica, dificultando a desvinculação. A ideia de que o ex-parceiro possa estar feliz traz em si a constatação de que nunca se é tudo para o outro. A percepção de que o outro pode encontrar satisfação independente do vínculo amoroso que se desfez provoca uma ferida narcísica (CARUSO, 1989). O narcisismo ferido pode dificultar a elaboração do luto, ao contrário do que acontece durante o luto provocado pela morte de um ente querido, quando o narcisismo é um recurso de que o enlutado dispõe para a elaboração da perda (FREUD, 1917/1996).

5.3.2 Sentimentos logo após a separação

Entre aqueles que tomaram a iniciativa de separação, alguns entrevistados mostraram-se preparados para enfrentar o período pós-separação.

Você não comunica (a decisão de separação) uma vez, né? Você vem comunicando ao longo... “Olha, se não acontecer isso, a gente vai acabar se separando.” Aí, nos últimos dois meses, ele desesperado, querendo

mudar. (...) Eu já tava irredutível. (...) Não tinha mais vontade nenhuma, não tinha mais interesse nenhum, de nenhum tipo, por ele. (...) Esgotei. (...) Quando ela (filha) ia no fim de semana pro pai e eu ficava sozinha, dava uma depressão assim, um vazio, né? (rsrsrs) Quando eu tava feliz, quando eu tava lá com meus amigos ou, enfim, em algum momento da vida, com a minha filha mesmo, eu não... eu nem pensava nele, entendeu? Então...eu realizei que aquilo ali era um momento de carência, não era um momento de falta daquela pessoa, meu ex-marido, era um momento de uma falta de alguém representando... me preenchendo de alguma forma. (Júlia, 38 anos)

*Isso (comunicar a decisão de separação) pra mim foi um **alívio** (grifo nosso). (...) Eu não sentia falta dele nenhuma. (...) Eu queria ter tido um parceirão, um maridão, sabe? Que me ajudasse em tudo. Dividir, né? (...) Eu não tinha isso. Então, isso só que eu senti falta, que ele não tinha, que ele não me proporcionava. Eu senti falta de um outro marido, de um outro companheiro, não dele.. (Letícia, 42 anos)*

*Quando eu tomei a decisão (de separação), eu me senti extremamente aliviada. (...) Eu parei, sentei um dia e falei “por que eu não fiz isso há mais tempo”? (...) Eu senti um **alívio** (grifo dela) tão grande de ter feito aquilo, sabe? Que, depois, eu ainda passei um tempo me culpando de ter sido tão é... ter faltado tanta coragem assim. (...) Quando eu me separei dele, né? A coisa já tava elaborada, né? Já tava feita. Eu tava separada, só que morando junto. (Sônia, 52 anos)*

*Aí, cara, é uma liberdade (comunicar a decisão de separação), é uma coisa muito boa, entendeu? Mas, um medo muito grande de você bancar aquilo, né? (...) Desde sempre, a minha paz, o meu **alívio** (grifo nosso) **de não ter que dar mais satisfação pra ele...** (...) Eu não me arrependi em momento nenhum porque... Em momento nenhum, eu olhei pra ele com vontade de ter ele de novo. Não, pra mim, aquilo já era caso encerrado, entendeu? (...) Pra mim, emocionalmente, tava resolvida a questão “eu e ele”. (Márcia, 47 anos)*

*Foi um momento (quando comunicou a decisão de separação) de raiva... foi uma mistura de momento de raiva com **alívio** (grifo nosso), entendeu? Alívio de ter tomado a decisão porque... já tava tomada, o casamento já tinha acabado. (...) Aí, eu tive aquele momento de liberdade... (...) A única coisa que pesou foi a saudade da minha filha. (...) Com relação à ex-mulher, não... não sentia mais nada. (Alfredo, 41 anos)*

Outros participantes expressaram, contudo, sua dificuldade para enfrentar o processo de separação, apesar de terem sido os iniciadores desse processo.

Não era uma separação de fato na minha cabeça. (...) Eu tava dando um tempo (...) pra ver se ele mudava, pra ver... Umas coisas assim que

mulher faz por... porque não tá acreditando, não quer acreditar na verdade nua e crua que tá acontecendo (...) Como eu te falei, foi uma decisão racional. Então, nesse momento (da comunicação da decisão de separação), eu botei a emoção de lado e pensei o que era melhor pra mim e pro meu filho. (...) Foi uma atitude racional, pensada e, nessa hora, eu tirei o coração do... do meio de campo. (...) Aquela parte emocional ficou pra trás e coloquei na frente a racional, tudo o que eu tinha que fazer, colocar em ordem minha vida de novo, né? Aliada a uma tristeza profunda, aliada a uma falta profunda. (...) Depois de seis meses, caiu a ficha realmente. Aí, foi que eu caí em depressão. (...) Você sente tristeza, você sente apatia, você não quer sair, você não quer... Alguém te convida pra sair, você não quer. (...) Quando eu comecei a ter vômito, enjoos... eu não bebia nem água, nem água descia. Eu fui fazer uma endoscopia. (...) Eu fui ver o resultado. (...) Aí, o doutor lá que é conceituado (...) falou “olha, você não tem nada”. “O que você precisa é de um psicólogo. Eu diria mais, eu acho que você tá precisando de psiquiatra.” (...) E, aí, que foi diagnosticado a minha depressão e a síndrome do pânico, que era exatamente esse medo de sair e... Eu até saía, mas eu queria voltar pra casa, do nada. (...) É uma reação totalmente instintiva que você tem. “Quero ir pra casa.” Não adianta você perguntar porque. Te dá uma angústia, te dá uma... Em mim, dava uma angústia, uma... eu começava a me sentir mal. “Quero ir pra casa”. Que era o lugar onde eu me sentia segura. (Luíza, 42 anos)

Como eu tomei a iniciativa (de separação), foi muito mais surpresa pra ela do que pra mim. Acontece que, pra ela...sabe? (pausa) Mario Quintana falava o seguinte. (...) “Toda a ideia que te agrada é tua. O autor nada mais fez que vestir a verdade que, dentro de ti, se achava nua.” Então, a ideia que eu disse era dela, ela queria isso. Foi só vestir a ideia que tava nua nela. (...) Era isso que ela queria, ela só não verbalizava. Pra ela, a surpresa foi seguida de um... de um alívio. (...) Em nenhum momento, repito, em nenhum momento até hoje, da parte dela, houve alguma fagulha arrependimento. (...) É a certeza corrosiva da irreversibilidade. (...) Logo após separar, vem com muita frequência os núcleos corrosivos. Poxa, as depressões... O difícil não é dormir, o difícil é acordar. “Pô, tô acordado. Agora, tenho que começar tudo.” Esse é o difícil. (...) Eu não queria nem sair da cama, eu não queria nem sair da cama. (...) Triste, triste, triste, triste... mesmo. O que é tristeza? Tristeza é isso, perder quilos e quilos e quilos. Sair à noite pra beber (pausa) tendo que trabalhar, tendo que fazer uma série de coisas. (...) Tenho me medicado, tomo remédio, né? (...) Eu tenho que me tornar uma pessoa melhor, com química ou sem química. (...) Qual é o caminho pra ser melhor? É esse? É tomar remédio? Eu tomo. (...) O que fica em jogo não é um carro, não é um apartamento, é a sua sobrevivência. Senão, você morre, morre. (Hugo, 49 anos)

Enquanto as primeiras falas indicam que o período de tomada de decisão pode ser um facilitador no processo de elaboração da perda do casamento, as últimas não confirmam essa possibilidade. Somente os primeiros depoimentos corroboram o que é descrito por Kelly (1982), uma vez a autora considera que

aqueles que iniciam o processo de separação estão mais preparados para enfrentá-lo.

É digna de nota a frequência com que os primeiros entrevistados mencionam sentimentos de alívio após o término do casamento. Esses sentimentos podem estar relacionados ao fato de os participantes terem conseguido libertar-se da ansiedade, provocada pelo período de tomada de decisão (KELLY, 1982). No caso da quarta entrevistada, os sentimentos de alívio estavam atrelados a sentimentos de liberdade, pois ela comenta “seu alívio em não ter que dar mais satisfação” para o ex-parceiro. Quanto aos últimos participantes, que mostraram sua dificuldade em enfrentar o período pós-separação, é válido ressaltar que, apesar de terem tomado a iniciativa de terminar o casamento, eles não desejavam de fato a separação.

Por outro lado, aqueles que não iniciam o processo de separação podem ser totalmente surpreendidos pela decisão do cônjuge, como veremos nos próximos discursos.

*Eu fui comunicada (da decisão de separação). Assim que eu acordei, recebi a notícia. (...) Parecia que eu tinha dormido com uma pessoa e acordado com outra. (...) Muito estranho. (...) Eu fiquei com aquela cara de... o que aconteceu, né? Qual foi a parte da história que eu perdi? **Eu não participei de nada disso** (grifo nosso). (...) Eu fiz mil propostas, de mil coisas, chorei, implorei... (...) Ele tava muito decidido, ele vinha pensando, ele tava pensando naquilo há muito tempo já. Ele tava... já tinha amadurecido. (...) Eu não tive esse tempo pra amadurecer a ideia, né? (...) Eu entrei em choque. (...) Eu questionava muito o porquê daquilo tudo. Eu não sabia, até hoje eu não sei porque até hoje ele não sentou pra conversar comigo nem vai sentar nunca. (...) **Eu não participei da decisão. Em nenhum momento, eu pude participar disso** (grifo nosso). Abriu um buraco assim enorme no peito e aquela coisa de você não saber o porquê, né? Indignada demais, né? “Por que? Por que isso aconteceu? Onde eu errei? Eu errei? Fui eu? Será que fui eu? Eu tive participação nisso? Eu podia ter feito alguma coisa pra mudar? Se eu podia, por que não me deram o direito, né? Respostas que eu nunca vou ter. **Eu não tive oportunidade de fazer essas perguntas** (grifo nosso). (...) Fui direto na minha psicóloga, você conhece provavelmente. Dali direto pra psiquiatra que ela me indicou. E foi um suporte assim rápido, direto. E acho que foi o mais certo que eu pude fazer por mim. (Bruna, 39 anos)*

Ele quis se separar. Ele arrumou uma mulher, né? (...) Eu fiquei muito mal porque foi aquele choque, né? Eu nunca imaginei que ele fosse fazer isso. (...) Precisei fazer muita terapia, fiquei muito... uns dois anos péssima, completamente... tomando remédio pra dormir... Nossa, eu fiquei muito mal. (...) Eu tava amamentando. Tive que parar de

*amamentar pra tomar remédio. A forma que foi... foi horrível, foi a pior possível. Não desejo isso pra ninguém, vou te falar. (...) Ele me largou. Eu fiz tudo pra ficar casada. Ele simplesmente saiu de casa e **eu não tive chances** (grifo nosso). (...) Eu quase morri, quase morri (quando recebeu a comunicação da decisão de separação). (...) Eu recorri a tudo que existia. Eu lembro que eu fui num culto de não sei o que... eu ia em cartomante, eu ia a culto de... evangélico ia lá em casa... Teve um dia que eu não consegui levantar da cama, que a minha mãe teve que chamar o psiquiatra. Nossa, eu não gosto nem de lembrar. (Beatriz, 39 anos)*

*O sentimento que eu tive foi um sentimento de decepção é... e... de... covardia dela, né? Eu achei que ela foi muito covarde comigo. (...) Eu falei (...) “o que eu não admito, o que eu nunca vou te perdoar, foi você esperar dezessete anos pra me falar isso (que não tinha esquecido um antigo namorado). (...) Eu não conseguia nem trabalhar. (...) Eu me arrumava, botava a gravata, (...) descia, entrava no carro e não conseguia sair com o carro. Não conseguia fazer o carro sair, Aí, pensava, pensava, subia. Tirava tudo, ia deitar. (...) Sabe o que é você (...) acordar, ficar sentado na beira de uma cama, de nove horas da manhã até onze horas da manhã, olhando pra parede, olhando pros móveis, olhando pro chão...e você não vê três horas passar e você não pensou em nada substancial? Pô, a ponto de eu cair em depressão... (...) Você perde o gosto pela vida... você perde o gosto por você mesmo. Porque a depressão faz isso. É baixa autoestima, você não consegue conversar olhando nos olhos, você não consegue, às vezes, ir na rua, ir na padaria, embaixo de casa. É como se você tivesse atravessando um campo minado, um campo de guerra. Você acha que alguém vai rir de você, alguém vai te caçoar, **alguém vai te humilhar** (grifo nosso). (Pedro, 46 anos)*

A partir das falas acima, podemos perceber que, para o parceiro que não toma a iniciativa, quanto mais súbita e inesperada é a decisão de terminar o casamento, maior é a dificuldade para enfrentar o período posterior à separação, conforme foi postulado por Peck e Manocherian (1995).

Enquanto a primeira entrevistada diz, em vários momentos, que “não participou da decisão” de separação, a segunda afirma que “não teve chances” para reverter a situação. Quanto ao terceiro participante, ao discorrer sobre seus sintomas de depressão, ele menciona a fantasia de que “alguém poderia humilhá-lo”. Esses dados, que deixam em evidência sentimentos de impotência e humilhação, estão em consonância com o que é pontuado pelas autoras citadas.

É interessante observar também que a primeira entrevistada relata de maneira obsessiva seus questionamentos sobre as causas da separação, confirmando as afirmações de Kaslow e Schwartz (1995) sobre cônjuges

abandonados que se tornam obcecados em questionar o que houve de errado no casamento.

Outros sentimentos imediatos à separação foram mencionados pelos participantes. Entre as mulheres, esses sentimentos estavam relacionados à perda do casamento idealizado, de modo que as entrevistadas faziam alusão a elementos dos contos de fada.

*A gente tinha um projeto em comum muito grande, né? Já era muito tempo juntos, uma filha a caminho. Eu tinha a ideia de ter três filhos, entendeu? Então, você vê um pouco o **castelo** desmoronar, né? (...) É toda a desconstrução de um... Você tem aquela... visão do **castelo** que desmorona, né? Do **príncipe** e da **princesa**. E, aí, você vê que a vida não é assim, entendeu? (Bárbara, 38 anos)*

*Eu acreditei na minha história, né? Com meu ex-marido. Eu casei feliz, acreditando que ia ser feliz, que a minha família era minha, entendeu? É um **castelinho** que desmonta, sabe? **Castelinho** de areia assim... vai se desfazendo. (...) Eu sabia que eu tava passando por uma situação de fracasso, eu tinha que entregar os pontos e... realmente, eu não tava vendo chance de ser feliz. (Júlia, 38 anos)*

*Eu fiquei muito tempo ruim acho que mais porque desmoronou aquele **castelo**, sabe? Aquela vida toda, aquela coisa toda que a gente construiu. Tudo certinho, esperando pra ter filho, esperando pra ter outro... (...) Montando a vida... de repente, puxou o tapete... (Beatriz, 39 anos)*

*(Em relação à separação) frustrada, né? (pausa) Eu me casei pra ficar a vida inteira casada (chorando). (...) Foi aquela coisa linda aquele casamento, né? Cara, eu casei igual a **Lady Di**, com uma coroa na cabeça. Meu vestido tinha umas mangas... (...) Apesar de toda a modernidade, eu queria casar de uma forma caretinha, na Igreja e tal. (...) Veio uma coroa, que foi feita de pérolas e brilhantinhos da França. (...) Vestido de **princesa** mesmo, eu era uma **princesa**. (...) De repente, aconteceu desse cara puxar meu tapete. (...) Com toda a modernidade minha, eu casei pra ficar casada a vida inteira. (...) Me dava uma certa frustração por eu não ter conseguido manter aquilo que eu idealizei, né? (...) Talvez, inconscientemente, eu tenha tido tantos momentos de infelicidade que eu abafei com a minha suposta felicidade, por viver num **castelo** lá de... das historinhas... É o que eu falo, o “the end” nas histórias infantis... você nunca sabe se realmente o **príncipe**... se eles **viveram felizes pra sempre**, né? A história não continua, né? Então, assim, a minha continuou e a minha continua e ainda vai continuar por um longo tempo. Então, eu tenho que continuar uma outra história. (Sônia, 52 anos)*

*Eu senti um vazio enorme... (...) De repente, eu me vi assim, né? “Ah, amanhã, eu vou acordar e daqui pra frente eu sou separada. Sou eu e minha filha nessa casa enorme.” E... “não vai ser **pra sempre**, não é **pra sempre**, acabou”. E tudo que eu pensava foi pelo ralo abaixo... (Bruna, 39 anos)*

Esses discursos demonstram que, muitas vezes, as mulheres sofrem não somente pelo parceiro de quem se desvincularam, como também, pelo sonho de amor desfeito. Os depoimentos femininos acima estão em concordância com a definição de luto formulada por Freud (1917/1996), já que o autor considera que esse processo pode ser a reação a perda de um ideal.

Ainda, refletindo sobre essa definição, é interessante notar que tanto as mulheres quanto os homens associaram os sentimentos seguintes à separação à perda da família como ideal.

*Eu nunca tive aquele sonho de casar, ter filho, mas, quando apareceu, eu gostei da situação, né? Eu arrumei minha casa, eu arrumei... sabe? Eu arrumei meu canto. Eu tinha uma família, que era meu marido, que era meu filho. Eu tive que **desfazer** e foi eu mesma que... eu tive que **desfazer** tudo isso. Pra mim, foi muito doloroso, né? (Luíza, 42 anos)*

*Eu fiquei muito triste, muito chateada por **desmanchar** a família. Porque eu não queria, eu queria continuar meu casamento, né? Queria ter dois filhos, três, e **ficar velhinha** com essa pessoa. (...) Eu tive sentimento de tristeza de **desmanchar** a família, de **não ter mais** uma família. (Letícia, 42 anos)*

*Que vazio... Foi duro. Acho que foi um momento difícil, não por falta da Ana (ex-parceira) em si. Eu acho que não era isso. Mas, a falta da minha família. Enfim, eu sempre fiz tudo pela família, né? (...) Não ter a família foi muito difícil. (...) Eu realmente fiquei “na fossa”. (...) Chorei, fiquei mal, fiquei muito mal. Acho que mais pela família, por ver ela **desfeita**. Acho que isso me incomodou mais do que perder uma mulher. Acho que esse é o ponto. (...) Foi duro, foi duro, foi muito duro. Eu jamais me vi assim, nunca imaginei que aquilo tivesse um peso tão grande, tá fora da minha família. (Antônio, 50 anos)*

*Eu imaginava que eu ia viver **sempre** com ela, ia ter uma família, uma filha, outros filhos, entendeu? Aí, isso tudo foi por água abaixo... (...) Foi uma sensação ruim por causa disso, achar que você tinha uma... pelo menos eu tinha muito... Ela (ex-parceira) falava que isso é pensamento de mulher. Mulher que sonha em ter uma família, filho, morar... sabe? Eu acho que meu pensamento mais é esse e foi tudo por água abaixo... (...) Achava a família o centro de tudo. (Arthur, 39 anos)*

Eu sempre quis ter uma família, sempre foi um desejo meu. (...) Então, foi muito doloroso. Quando a gente se separou de verdade, pô, eu ficava aos prantos em casa assim. Porque era o fim de um... de um ideal meu também, né? (...) Eu fiquei muito triste, muito assim... (pausa) chorando pra caramba mesmo, arrasado... (Renato, 48 anos)

Nessas falas, a família idealizada está associada a um modelo de família tradicional, à família conjugal moderna. Esse modelo de família aparece nos discursos dos participantes como *norma*, de modo que, se ele não existe mais, a família está “desfeita” ou “desmanchada”, e não organizada simplesmente de outra forma. É interessante mencionar também que, enquanto a segunda entrevistada afirma que queria “ficar velhinha” com o ex-cônjuge, o quarto participante “imaginava que ele ia viver sempre” com a ex-parceira. Essa expectativa de permanência também aponta para um ideal de família que está relacionado a uma configuração de família tradicional. Esses resultados estão de acordo com o que afirma Goldenberg (2003) sobre o modelo hegemônico de família. A autora considera que esse modelo aparece como norma, sendo um valor fortalecido pela socialização e pela Igreja.

Ao refletir sobre seus sentimentos no momento seguinte à separação, metade dos homens que participaram deste estudo comentou o quanto foi dolorosa a perda do contato diário com os filhos.

Eu não podia escutar a voz do meu filho que eu ficava... abria a boca, chorava, ficava mal, não conseguia comer... Eu falei “caramba, meu filho... era pra tá comigo”. (Pedro, 46 anos)

A única coisa que pesou foi a saudade da minha filha. Fiquei muito tempo sofrendo, muito por causa da falta da minha filha, por não ver o resto da minha filha crescer. Fiquei muito tempo paranóico com isso, de como é que ia ser. Se eu ia ver, quanto tempo... (...) Isso foi a coisa que mais me incomodou, mais me... Me deixou mal, na época da separação, a questão de ficar afastado da minha filha. Com relação à ex-mulher, não... não sentia mais nada... (Alfredo, 41 anos)

Foi muito triste pra mim, foi doloroso demais porque... não é pela... pela mulher que tava indo embora, tá? E sim pela minha filha. (...) Ela tava levando a minha filha. Ela vai, arruma uma outra pessoa e minha filha não... minha filha vai junto. (...) É um pedaço de mim que tava indo embora. (...) Na tua cabeça, abre um buraco. Você tá acostumado com uma vida. Naquele momento, eu não tava perdendo a mãe da minha filha, eu tava perdendo a minha filha. Minha filha estava indo. Perdendo

não é 100%, mas você perde uma grande parte. Porque eu chegava, eu via minha filha. Quando eu chegava em casa, minha filha tava lá. Eu chegava em casa, minha filha sabia que era eu. Ela acordava, levantava da cama. Tava no bercinho dela e abria um sorrisão. Aquilo ali tava acabando. (Joaquim, 41 anos)

Em síntese, é uma realidade preta e branca. Por mais comum que ela possa parecer, ela nunca é comum pra quem tá vivendo. (...) Semana que vem é o fim de semana da mãe. Quer dizer, pra eu me acostumar com essa ideia, fim de semana da mãe... (...) Pra mim, não tinha fim de semana da mãe. Fim de semana era eu com meus filhos. Agora, é isso, tem essas coisas. (Hugo, 49 anos)

Não ver a minha filha todos os dias foi muito difícil. (...) Eu chegava a casa, do trabalho, e a gente ia estudar, né? (...) Isso a separação me tirou. Então, momentos na casa da minha mãe... eu realmente me senti sozinho. Eu acho que eu nunca tinha me sentido. Foi duro. (Antônio, 50 anos)

Os dados acima revelam o sofrimento masculino decorrente da perda do contato cotidiano com os filhos, como destacado pela literatura sobre separação conjugal (PECK e MANOCHERIAN, 1995; WALLERSTEIN e KELLY, 1998; KASLOW e SCHWARTZ, 1995; BRITO, 2008)

Alguns entrevistados mencionaram também sentimentos relacionados à mudança de casa. O afastamento do ambiente familiar foi vivenciado de forma bastante dolorosa por esses participantes, sendo percebido como o momento mais crítico do período pós-separação. Em dois depoimentos, podemos observar que esse distanciamento do domicílio conjugal ocorre juntamente com o retorno à casa materna.

Achava a família o centro de tudo. (...) Eu tinha muito obstáculo de sair de casa. (...) E eu sofri, quer dizer, eu sofri muito, tendo que sair. (...) Eu saí e sofri muito. Até hoje, eu sofro, entendeu? Lembrando das coisas. É muito ruim pra mim. Não é muito fácil eu falar essas coisas que eu tô falando. (...) A primeira semana foi a mais crítica. O negócio de você ir pra casa da mãe, a sensação horrível... (...) Eu saí de casa muito cedo. Eu tenho trinta e nove, eu saí de casa com vinte e quatro, entendeu? Quando eu me formei, eu já... Então, já era, sei lá, quinze anos morando sozinho ou morando com alguém, com minha ex-esposa. Então, era... foi uma sensação muito ruim ter que voltar. Essa sensação foi horrível pra mim, voltar a morar com a minha mãe, entendeu? (Arthur, 39 anos)

Aqueles momentos do quarto, na internet, esses eram realmente duros, muito duros. Sem dúvida nenhuma. (...) O momento mais crítico acho que foi estar na casa da minha mãe, sozinho, de noite, no meu quarto de solteiro, longe da minha filha, que eu acho que era o que mais pesava nisso tudo. Foi duro estar fora da minha família. (Antônio, 50 anos)

*O momento mais difícil foi quando eu vi que eu tava morando sozinho. É difícil? Bastante. Porque você tava já numa... O modus vivendi é totalmente diferente agora, entendeu? É totalmente diferente. E... (pausa) é uma coisa que a gente vai ter que viver, né? (...) Pro homem, é mais difícil porque, de um modo geral, ele que sai. E... você fica um pouco sem chão, né? Você perde o contato com os filhos, você perde a casa que você tinha, você perde suas referências. E você volta a ficar solteiro, a fazer coisas que você não fazia há muito tempo, como por exemplo, jantar sozinho. É... se a tua cama tá desarrumada, quando você volta, **ela continua desarrumada** (risos) E... o problema de você morar sozinho é que... (risos) é que **é sempre a sua vez de lavar a louça** (risos). (Hugo, 49 anos)*

Esses depoimentos estão em conformidade com o que é descrito por Kaslow e Schwartz (1995) sobre a separação física. As autoras afirmam que esse momento é um dos mais dolorosos, afastando do ambiente familiar a pessoa que se muda. A saída do domicílio conjugal é mais uma perda que precisa ser elaborada. É válido enfatizar também os comentários do terceiro entrevistado. Ele afirma que “a cama continua desarrumada” e “sempre é sua vez de lavar a louça”, demonstrando sua dificuldade com a administração do novo lar, conforme foi destacado pelas autoras citadas.

Em contrapartida, no próximo discurso, apesar de o participante discorrer sobre a mudança de casa como o momento mais difícil do processo de separação conjugal, ele comenta o retorno à casa materna como um evento positivo, uma vez que ele percebe a mãe e a irmã como aliadas no cuidado das filhas.

*O momento mais difícil foi a hora que eu resolvi sair de casa com as meninas, na hora que eu decidi... (...) Ela (a ex-parceira) disse que iria viajar. Aí, veio o desespero. “Pô, eu preciso entregar o apartamento. A mulher não tá nem aí. O que fazer?” Aí, liguei pro advogado, fui em delegacia perguntar se eu podia. O delegado falou que eu podia. Porque eu tenho o pátrio poder, eu sou pai. Eu tava indo pra um endereço fixo. Eu já tinha escola em vista. Então, eu podia fazer. **Eu tinha medo, entendeu? De mexer mais com a cabeça das meninas.** Então, fui procurando caminhos que me ajudassem a não mexer muito com elas. E, graças a Deus, deu tudo certo. (...) Essa minha saída, né? Só se*

concretizou por causa da minha irmã e da minha mãe, que me deram apoio. “Vem pra cá, a gente dá um jeito.” E elas que me suprem. Em contrapartida, se elas (as filhas) tivessem ficado com a mãe, eu ia ter que pagar alguém pra cuidar delas. (...) E, hoje, eu posso viajar tranquilo que elas... que elas ficam com a minha mãe e com a minha irmã. Pra mim, ficou muito, muito bom. Porque, quando eu viajo, é a avó que cuida, é a tia que cuida. (Marcelo, 45 anos)

Em nenhum momento da entrevista, o participante associou a mudança de casa à perda do domicílio conjugal, limitando-se a narrar as dificuldades decorrentes da entrega do apartamento. Esses dados não confirmam a ideia, postulada por Kaslow e Schwartz (1995), de que a mudança de casa representa outra “separação” que precisa ser elaborada.

Considerando que o entrevistado continuou morando com suas filhas, podemos supor que a perda do domicílio conjugal não foi vivenciada como um distanciamento do ambiente familiar. Por outro lado, é digna de nota também a preocupação do participante em “não mexer mais com a cabeça das meninas”. Nesse caso, a fala do entrevistado corrobora as afirmações das autoras citadas, que comentam que ex-cônjuges preocupam-se com os efeitos da separação sobre os filhos.

Quanto às mulheres, duas participantes também mencionaram a mudança de casa, de um ou ambos os ex-parceiros, como o momento mais difícil do processo de desenlace conjugal.

O momento de se separar... de corpos, a pessoa tirar a roupa de casa, tirar as coisas, é muito ruim. É uma sensação de fracasso. (...) Esse medo de fracasso é a base de tudo, sabe? Pra eu tomar a decisão... (...) O momento mais difícil foi esse da saída (do ex-parceiro) mesmo da casa... física. (Júlia, 38 anos)

*O pior momento foi **desfazer** a minha casa. Parece altamente egoísta, mas foi meu pior momento. Eu ver tudo aquilo que eu **tinha feito**, que eu tinha decorado, que eu tinha... sabe? Tudo... sendo literalmente dividido, né? Porque não podia ir pra casa da minha mãe, a maioria das coisas foi pra casa do pai dele, né? Tanto que foi... vai fazer dois anos e meio, uma coisa assim... mais ou menos... e eu nunca fui lá pra ver as caixas que foram pra lá. O que foi pra lá... eu não tenho conhecimento do que foi feito daquilo. Não sei. (...) Porque **não faz mais parte da minha vida**. E nem fará de novo. São coisas que ficaram pra trás. Mesmo que eu case de novo ou tenha uma outra casa, eu vou comprar tudo novo. Eu não quero nada. (...) Pra mim, foi muito doloroso, né? **Eu voltei pro meu quarto de solteira**. Eu voltei pro meu quarto de solteira, com meus pais*

achando que tinham a filha que tinha ido e voltou do mesmo jeito. (...) Quando você sai da casa dos seus pais, você sai de um jeito. Mas, quando você adquire sua liberdade, sua casa, suas coisas, você... e tem que abrir mão de tudo isso pra voltar, você volta totalmente diferente. Então, eu já era outra pessoa quando eu voltei pra casa dos meus pais. Certas coisas você já não admite, né? “Aonde você vai? Com quem você vai sair?” “Mãe, se liga que... 40 anos, tá? Não é mais 15.” (...) Até ajustar tudo isso demorou um pouco. Teve briga, teve embate. (Luíza, 42 anos)

No segundo depoimento, a fala da entrevistada indica que desfazer o domicílio conjugal foi um ritual de passagem. Apesar de esse momento ser mencionado pela participante como o pior momento do processo de dissolução da conjugalidade, possibilitou-lhe “desfazer” o que “tinha feito”, elaborando o domicílio conjugal como algo que “não faz mais parte da sua vida”. O retorno à casa materna, por outro lado, foi vivenciado como retrocesso, uma vez que, além de “voltar para o quarto de solteira”, a entrevistada retomou antigos conflitos pré-conjugais (KASLOW e SCHWARTZ, 1995). Dessa forma, esse ritual de passagem não foi constituído pela reposição do antigo pelo novo (DUCATI, 2005), e sim pelo retorno a uma situação ainda mais antiga, em que questões relacionadas à autonomia foram revividas.

No discurso seguinte, a mudança de casa aparece, ao contrário, como um momento libertador, em que a participante conseguiu afirmar sua autonomia. Para essa entrevistada, o momento mais crítico foi justamente aquele em que permaneceu coabitando com o ex-cônjuge o mesmo apartamento. Ela afirma que vivenciou uma situação infernal.

O momento mais crítico foi a passagem de tá tendo que morar na mesma casa com ele, vivendo esse inferno que eu não suporto, entendeu? Viver isso. (...) Fiquei um ano e meio morando na mesma casa porque ele não queria pagar nada pra eu sair de casa. Tem cinco meses que eu consegui na justiça uma pensão... (...) Morando na mesma casa, em quartos separados, um inferno, pior do que guerra. (...) Ele tirou empregada, ele cortou net, ele cortou telefone. E falava pros meus filhos “quando sua mãe sair, eu boto tudo de novo”. Eu vivi isso durante um ano e meio. Ele não aceitou a separação. (...) Chegava a noite, se eu tivesse sentada na sala, assistindo televisão, ele chegava, desligava e levava o controle. Se eu ligasse a televisão manual, ele ia lá, arrancava os fios. Então, eu não tinha espaço na minha casa. Então, ele chegava de noite, em casa, do trabalho, eu tinha que ficar trancada no quarto. (...) Eu tenho uma paz que há muito tempo eu não tinha. (...) Eu tinha dois meses pra sair. Em quinze dias, eu consegui o apartamento. (...) Chego em casa, não tem uma coisa melhor, deitar no meu sofá, ver televisão, sabe? Fazer minha comidinha. Então, eu tô ainda nesse momento, adorando,

curtindo isso tudo aqui. (...) Eu tenho a minha casa, que eu amo de paixão. Pinteí o apartamento, mudei ventilador, mudei não sei o que. Cara, tá uma graça, tá a minha cara, entendeu? Então, o que eu posso reclamar da vida? Não posso reclamar. (Márcia, 47 anos)

Assim, é possível perceber que nem sempre a mudança de casa é vivenciada de forma dolorosa, podendo significar um momento de libertação e de afirmação da autonomia. Esses dados estão de acordo com o que observou Peck e Manocherian (1995) e Kaslow e Schwartz (1995) sobre o sentimento de autonomia experimentado pelas mulheres após a separação.

Quanto ao relacionamento da participante com o ex-parceiro, esses dados serão analisados de forma mais detida em outra categoria de análise, onde serão discutidas as relações dos entrevistados com os ex-cônjuges em situações de conflitos e litígios.

É relevante também citar os discursos de dois participantes, que se referem à separação como um evento que provocou sentimentos de liberdade.

*É uma fase em que você... acho que se sente mais liberta, sabe? Eu já tinha riscado as coisas da minha vida. Então, eu só queria ser feliz, não queria encontrar alguém pra casar. (...) Depois que eu me separei, eu vivi uma fase maravilhosa, que eu digo que é a fase, no melhor dos sentidos, uma fase “homem”. “Homem” no melhor dos sentidos porque não existe cobrança nenhuma em relação a... Eu já tinha feito “X” no casamento, em ter filho. Eu já tinha feito “X” em algumas **cobranças da vida**. Então, me dei ao direito de aproveitar a vida muito mais. E, talvez, eu não tenha feito isso antes do casamento, entendeu? (...) Eu conheci muita gente, eu namorei muito, eu fiz muita coisa e, assim, eu acho... Por isso que eu falei eu acho que eu tava numa fase “homem” no melhor dos sentidos. Porque assim... e eu saía e eu ficava, fazia de tudo (risos). (Ana, 40 anos)*

Eu já vivia um casamento falido há muito tempo e... eu tinha medo de sair daquilo e tal. Então, eu acho que, na verdade, no primeiro momento, você leva aquele susto. Mas, depois, eu me vi livre. (...) Eu me vi libertado. (...) Passei a viver mais o... viver mais pra mim, também. Fazer as coisas que eu gosto de fazer... esse tipo de coisa. Sair com os amigos... (Arnaldo, 42 anos)

Esses resultados expressam sentimentos de liberdade decorrentes do desenlace conjugal, ratificando o foi destacado por Féres-Carneiro (2003a) sobre a reconstrução da identidade individual após o término do casamento. A autora

observa que, apesar de esse processo ser lento e doloroso, é marcado também por sentimentos de gratificação em função da liberdade readquirida. Esses dados indicam que o período logo após a separação pode ser um momento de reconstrução dos relacionamentos sociais, conforme foi descrito por Kaslow e Schwartz (1995).

É importante notar que, no primeiro discurso, a entrevistada diz que se libertou de algumas “cobranças da vida”, indicando, uma vez mais, que percebe o casamento e a maternidade como norma social. Ela comenta também que, depois de fazer “X” nessas cobranças, permitiu-se vivenciar uma fase “homem no melhor dos sentidos”, deixando claro que entende que a pressão social em relação ao casamento e à procriação recai sobre a mulher. Esse discurso ratifica as observações de Rocha-Coutinho (2009), de Badinter (2011) e de Goldenberg (2003) sobre a socialização da mulher, que associa casamento e maternidade à feminilidade.

Ainda, refletindo sobre os sentimentos logo após a separação, é válido destacar que alguns participantes compararam a dor decorrente da separação conjugal com a dor em decorrência da morte de um ente querido.

Eu acho que dor maior... Graças a Deus, eu nunca perdi ninguém na família, graças a Deus. Até então, eu não vivi nenhuma dor maior do que essa, da separação. Enfim, acho que é um processo muito doído, muito doloroso. (Bárbara, 38 anos)

A sensação, cara, é muito ruim, muito ruim mesmo. Uma das piores sensações que eu... Eu nunca tive a sensação de perder alguém da família muito próximo, entendeu? Mas, é praticamente... não sei, mas é uma sensação mais ou menos parecida com essa. (Arthur, 39 anos)

Psicólogos dizem que até a... a separação... pior do que a separação só a morte. Quer dizer, é como se fosse uma. A separação é uma coisa indefinível. (...) Não tem o que dizer. Com filho, então, é pior ainda. Por que é pior com filho? Porque você é obrigado a falar, você é obrigado a ver. Há o contato. Há procedimentos com eles que, às vezes, você não concorda. Se fosse só namoro, um foi pra lá, outro foi pra cá. (...) Não é um fim de namoro, é o fim de uma relação, é o fim de uma... de uma proposta de vida em que eu acreditava. (Hugo, 49 anos)

Ao mesmo tempo em que as falas acima estão em consonância com a afirmação de Caruso (1989) de que a separação amorosa é uma vivência

psíquica de morte, o terceiro depoimento aponta a dificuldade em vivenciar esse processo quando existem filhos em comum. Podemos imaginar, portanto, que essa vivência de morte é interrompida a cada novo contato com o ex-parceiro. Essa suposição está em conformidade com o que é ressaltado por Féres-Carneiro (1998) a respeito do luto decorrente da separação amorosa, pois a autora pontua que esse processo é mais difícil de ser concluído do que aquele provocado pela morte do cônjuge.

5.3.3 Questões relacionadas à parentalidade

A maioria dos participantes não comunicou aos filhos a decisão de separação. Alguns entrevistados alegaram que os filhos não tinham, no momento da separação, idade para entender essa situação, enquanto outros argumentaram que nada precisou ser dito, pois os filhos já haviam entendido a crise conjugal e seu inevitável desfecho.

Não, não, não... não houve isso de falar pra ela.... Ela tinha... ela tinha 1 ano e 10 meses, né? Era novinha assim... (Ana, 40 anos)

Com 3 anos e meio... você não comunica... 3 anos... ela não entenderia... (Júlia, 38 anos)

É como se eu nem tivesse que dizer pra eles. Pelo menos a Lisa já tava vendo há muito tempo que a nossa vida não era uma coisa assim muito tradicional, entendeu? Não que a gente se pegasse na frente dela, mas... Tipo assim, a gente já tinha esse apartamento, entendeu? Então, a gente já ficava um pouco indo e vindo, as crianças já ficavam dormindo aqui. (Laura, 34 anos)

Não teve esse sentar pra falar, sabe? Porque já tava uma coisa muito de briga, muito óbvia... (Márcia, 47 anos)

Não, nós não conversamos com ela. (...) Não tem como. A minha filha nem ia entender. Minha filha não saberia. Um ano... (Joaquim, 41 anos)

Era muito novinha. Ela nem se tocava. (...) Talvez, isso tenha sido a melhor coisa pra ela, essa separação tão cedo... Quando ela começou a se entender por gente, ela já se acostumou que o pai mora numa casa, vê ela de 15 em 15 dias, né? (...) Ela já tá crescendo com isso... Então,

isso pra ela já é o normal. O normal não é o pai dentro de casa, né?
(Alfredo, 41 anos)

Ela (ex-parceira) nunca teve... ela declaradamente sempre é... preferiu falar tudo na frente da minha filha. O outro era bebê. Então, ela...minha filha sempre acompanhou todas as brigas nossas. Se não acompanhava, depois ela de alguma forma mostrava. Então, estava bastante claro.
(Sandro, 48 anos)

Duas entrevistadas afirmaram que não fizeram a comunicação da separação aos filhos porque elas acreditaram que essa situação era provisória.

Ela falava “cadê papai”. “Ah, papai tá viajando, papai tá um tempo fora...” A gente sempre... Porque como a situação tava aquele limbo, né? A própria babá, que é muito experiente, já tá com a minha filha desde que nasceu, ela soltou essa. E eu falei “ah, tá, vamos deixar assim por enquanto”. Sabe? E, assim, a gente foi mantendo. (Bárbara, 38 anos)

Como não era uma separação de fato, ainda, na minha cabeça, é... Eu falei que a gente ia cuidar... o pai ia cuidar do vovô lá e a mamãe vinha pra cá. A gente ia morar com a vovó por uns tempos, né? E tá até hoje assim. Na cabecinha dele, ele saca que tem alguma coisa estranha. O papai e a mamãe não se falam muito, o papai e a mamãe não saem juntos mais. Mas, ele também... É estranho porque ele também não... não pergunta muito.(...) Ele não tem a total noção que os pais estão separados. Ele sabe que o papai e a mamãe não tem mais aquela relação que tinha. Isso não chegou ainda ele. (Luíza, 42 anos)

No caso de alguns participantes, a comunicação da decisão de separação foi feita pela ex-parceira, que tomou para si essa responsabilidade.

Foi difícil, mas foi ela que falou. Eu me lembro que, na época, eu questionei. “Vem cá, mas... você não acha que era a gente que devia falar com ele? Você já vai tomar a iniciativa e vai falar? Como é isso?” “Ah, não. Porque você tá muito mal... melhor eu conversar...” “Tá legal.” Ele sentiu na hora, né? Lógico, até hoje você percebe.... Mas, eu acho que, dentro da medida do possível, ele aceitou bem. (Arnaldo, 42 anos)

Ela já foi já... colocando na cabeça dele. “Olha, mamãe e papai não tão bem...” (...) Ela foi assim, trabalhando isso. Mas, o que eu achei legal... Porque notícia ruim é difícil de ouvir, né? Mas, é melhor você tomar um tapa na cara do que vários beliscões, né? Melhor um soco de uma vez

do que... E, aí, o que acontece? Quando ela me deu a notícia, ela já tinha conversado com ele. Ela falou “olha, mamãe tá saindo daqui, mamãe não gosta mais do seu pai como marido. Então, mamãe é que tá largando seu pai”. Eu achei legal da parte dela. Ela podia falar o seguinte, botar a culpa em mim. “Ah, seu pai não agrada mamãe, não é o pai... não é o marido que eu queria, seu pai me maltrata, seu pai faz isso, seu pai faz...” Podia botar a criança contra mim, mas não, ela foi realmente bem sincera nesse ponto. Falou “olha, mamãe tá indo embora, mamãe não gosta mais do seu pai, a gente não pode mais viver na mesma casa”. (...) Mas, ele entendeu isso melhor do que eu esperava, né? (Pedro, 46 anos)

Cara, na verdade, quem falou foi ela. É muito pequena... É engraçado, não sei... (...) É... cara, mas, ela (a filha) tá na boa, entendeu? Hoje em dia, ela tá tranqüila, mas eu sou... um pai muito ativo. (Arthur, 39 anos)

Apesar de ser fundamental que a separação conjugal seja dita em palavras para as crianças, todos os dados acima ratificam a dificuldade dos pais em conversar sobre o processo de separação com os filhos, conforme foi ressaltado por Wallerstein e Kelly (1998) e por Dolto (2003). A última afirma que a comunicação do desenlace conjugal deve ser feita até mesmo para crianças que ainda não andam. Vários entrevistados entenderam, contudo, que a pouca idade dos filhos era um impedimento para que o término do casamento fosse expresso verbalmente. Outros argumentaram, ao contrário, que nada precisava ser dito, pois tudo já havia sido entendido. São dignas de nota também as participantes que não fizeram a comunicação da decisão de separação por acreditar que a situação era provisória, pois, mesmo quando a dissolução da conjugalidade começou a ser percebida como definitiva, essa atitude foi mantida por longo tempo. No caso de uma das entrevistadas, ela manteve a escolha de não contar a decisão de separação até o momento da entrevista.

Nos últimos discursos, os participantes afirmaram que a comunicação do desenlace conjugal foi realizada pelas ex-parceiras, indicando novamente a prevalência da divisão sexual do trabalho, em que as mulheres são as responsáveis pelo cuidado dos filhos (ROCHA-COUTINHO, 2009; BADINTER, 2011; GOLDENBERG, 2001; JABLONSKI, 2007). Entre essas falas, é válido observar a preocupação de um entrevistado com a possibilidade de ser vítima da alienação parental (SOUSA, 2009; PAULO, 2009). Posteriormente, essa questão será abordada detalhadamente em outra categoria de análise.

Independente de ter ocorrido ou não um momento de pronunciamento do término do casamento, a maioria dos participantes foi capaz de discorrer sobre as reações dos filhos à separação.

A minha filha desenvolveu alguns problemas de atenção, de desenvolvimento psicomotor. Então, a atenção dela é flutuante, ela não fixa a atenção. (...) Bom, aí ela perdeu... ela vai ter que atrasar um ano na escola. (...) Eu tive que levar em vários médicos, tive que fazer várias pesquisas, né? É... fono, neuro, psicóloga, psiquiatra, psicomotricista, vários médicos, né? E ela passou por vários momentos complicados. Alguns muito próximos a mim e alguns de distanciamento. “Não quero ir pra casa do meu pai de jeito nenhum.” E eu fazendo tudo pra ela ir. Às vezes, ela ia pra casa do pai. “Não quero ir pra casa da minha mãe.” Mas, o que acontece mais é ela não querer ir pra casa do pai ou vai pra dormir comigo, ela vai e volta de madrugada. (Bruna, 39 anos)

A princípio, você não nota nada, você não nota. Mas, aos pouquinhos, ele vai sinalizando isso no comportamento, né? Às vezes, uma agressividade com o pai, uma agressividade comigo, ou umas palavras que você percebe exatamente porque é, por causa da separação. (Letícia, 42 anos)

Eu via que a minha filha sentia a ausência do pai. (...) As visitas dele pra ela é... Teve uma vez que ele chegou, já tava assim uns quinze dias sem vê-la, chegou, ficou pouquíssimo tempo com ela. Saiu lágrima do olho dela quando ele foi embora, sabe? Não... foi assim... Ela sentia, tanto que... quando ela fez... assim... aí... ele demorou... (começou a chorar) No sábado, ele pegava ela pra dar um passeiozinho. Aí, ia ela, com a babá e ele. E ela até não ia pro colo dele, entendeu? Tinha coisa assim que ela... Engraçado, às vezes, mesmo pequenininha parece que entende a situação, sabe? (Bárbara, 38 anos)

Meu filho não aceitou. Não aceitou desde o início e eu nunca consegui sentar e conversar com ele. Não consegui sentar e falar com ele. Porque ele não dava retorno, ele só me fazia assim, balançava a cabeça, sim ou não, e as lágrimas escorriam. Mas, ele não conseguiu esboçar nada, nada. (...) Na época, ele achou sim que eu fui a causadora da dor dele, entendeu? Porque fui eu que quis a separação. (...) Pra ele, foi uma coisa meio chocante, entendeu? E partiu de mim. Então, eu fui a grande culpada da infelicidade dele. (Márcia, 47 anos)

Eu acho que, com certeza, ela sentiu. Mas, é o seguinte, o meu ex-marido tem uma filha de um primeiro casamento dele. (...) Ela já tem uma meia irmã, que é de pais separados, né? Porque o pai não mora com ela. Então, a Viviane cresceu já com essa sabedoria. Ela tem uma irmã que vem final de semana sim, final de semana não. Entendeu? Então, essa história dos pais separados é uma coisa que já vinha na vida dela. (...) Quando eu me separei do pai dela, ela já tinha isso... uma coisa meio que natural na cabecinha dela, né? (Júlia, 38 anos)

Eles choraram. (pausa) O mais velho muito mais. (...) Houve reflexos, não tenho dúvida, no estudo deles. (...) Era um problema de estudo, os dois. Os dois tavam mal fisicamente, tavam engordando. E os dois tavam mal em comportamento. (...) Mas, as crianças tem uma capacidade de... assimilação, talvez, maior do que a do adulto. (pausa) Acho que, hoje, eles vivem melhor com isso, já metabolizaram. (...) Acho que eles já se

acostumaram a essa nova realidade porque a gente faz tudo pra que isso não agrida. (Hugo, 49 anos)

Foi traumático, eu vejo que, pra ela, foi traumático. (...) Ela chorava a tristeza da gente não tá junto. Porque a gente sempre fez tudo junto. (...) Então, ela, desde pequena, sempre fez tudo conosco. A gente nunca deixou de ir a algum lugar por causa da Daniela. “Bota na fralda e vamos pra frente.” E ela sempre foi. Então, quer dizer, de repente, ter essa fragmentação familiar, né? Não ter mais o pai cotidianamente ou a mãe, né? Assim, naquela posição que a gente tinha... (...) Então, isso ficou meio sem eixo pra ela, né? Acho que foi estranho. (Antônio, 50 anos)

Ela tava muito nervosa, taquicardia, com falta de ar... (...) Com falta de ar, não tava conseguindo dormir e dizendo que ia morrer. (...) Quando ela chegou na escola, os colegas dela falaram que ela tava com a boca muito branca. E ela falou que teve vontade de, no meio do caminho, voltar pra casa. E, na minha cabeça, isso pra mim é indício de estresse e estafa. Alguma coisa de sistema nervoso tá provocando isso. E isso começou a aparecer depois da separação. (Marcelo, 45 anos)

Minha filha, cara... ainda mais agora que eu consegui apartamento... ela diz que tem duas casas. Tá levando isso na boa. (...) Por enquanto, agora, ela tá levando na boa. Sem problema nenhum. (...) Na escola, assim, com os amigos, acho que ela reagiu bem. É... até tá gostando porque tem mais uma casa. Não, não acho que ela vai ter problema em relação a isso não. (Arthur, 39 anos)

Ele tá bem, assim, emocionalmente, né? Ele não tá... tá estudando, o rendimento na escola tá bom, tá fazendo inglês também. (...) Ele... o que ele sente, na verdade, é o seguinte: rachou a casa no meio e cada metade se afastou. Mas, na cabeça dele, a gente ainda tá unido pelo nosso encontro quinzenal, né? Pelo nosso contato. (Pedro, 46 anos)

Esses depoimentos não corroboram o que foi pontuado por Wallerstein e Kelly (1998) sobre a capacidade parental no período pós-separação. Apesar de as autoras afirmarem que os pais têm geralmente, nesse momento crítico, sua capacidade parental diminuída, os entrevistados acima se mostraram atentos às reações de seus filhos em relação à separação, sendo capazes de perceber seus sentimentos e seus possíveis problemas de adaptação.

Como veremos a seguir, apenas três participantes tiveram sua capacidade parental diminuída, ratificando a afirmação das autoras citadas.

Acho que eu nem consigo ver como foi pra eles. Eu tô tão centrada em mim porque foi tão difícil pra mim, foi tudo tão estressante. (...) Eles se acostumaram, se habituaram, não sei. (Laura, 34 anos)

O André, coitado, foi criado pela babá porque eu nem... imagina, eu tava há 1 ano dopada, cheia de remédio, louca, sabe? Quando ele era pequenininho, quem criou mesmo foi a babá que ficou com a gente 5 anos, que pegava mesmo no batente. Eu fiquei uma época muito fora do ar. Eu fiquei uns dois anos, né? (Beatriz, 39 anos)

Essas entrevistadas estavam focadas em seu próprio sofrimento, não tendo condições de perceber como seus filhos reagiam à separação. O próximo participante, por outro lado, teve sua capacidade parental diminuída por estar distante dos filhos.

A curtíssimo prazo, ela (filha) tomou uma posição é... de se afastar da minha família porque a mãe conseguiu envenenar ela contra mim, minha irmã, minha mãe. Então, minha filha se afastou. (...) Eu tinha direito de visitação, mas a minha filha não vinha, por exemplo. Eu só pegava o pequeno. A minha filha, raras vezes, ela veio passar aqui uma noite comigo, raríssimas vezes. Nos três anos seguintes à separação, foram raros os momentos. Ela vinha quando tinha que vir, era aniversário... Minha mãe não comemora aniversário, mas, enfim, um Natal... Acho que nem meu aniversário, entendeu? (...) E meu filho, eu tinha que fazer dez queixas na polícia pra conseguir fazer valer o meu direito de visita. Ela manipulou também essa questão, não foi fácil mesmo com meu direito de visita assegurado pela justiça. (Sandro, 48 anos)

Durante a entrevista, esse participante comentou que, naquele momento, os filhos estavam morando com a ex-parceira em outra cidade, de modo que eles estão ainda mais distantes. O discurso acima ratifica a possibilidade de Alienação Parental durante o processo de separação, como foi destacado por Sousa (2009) e Paulo (2009).

É fundamental lembrar que, para o presente estudo, o que importa não é propriamente as reações dos filhos, e sim como os pais sentiram-se diante dessas reações. Para alguns entrevistados, deparar-se com as reações dos filhos foi extremamente doloroso.

A dor maior foi com relação a minha filha. Eu acho... o sofrimentozinho dela... Acho que adulto, a gente se resolve, a gente tem um entendimento

da coisa, a criança não, aquele sentimento puro, né? É assim... é a parte mais doída de tudo. (Bárbara, 38 anos)

*Sentia tristeza, culpa. “Pô, tô aqui e meus filhos estão sofrendo também lá.” (...) Muito complicado e doloroso. Porque os piores encontros são com você mesmo, né? Eu fico andando pela praia, às vezes, sozinho, pelo calçadão, andando. Vai e volta, anda, anda, anda, anda... (pausa) Se culpa por causa das crianças, é uma carga pesada. Eu, pelo menos, eu penso assim. Eu ficava, pô, vendo meus meninos... (pausa) **Não era a realidade que eu tinha. Porque meus pais estão casados... fizeram cinquenta anos de casados.** (Hugo, 49 anos)*

Essas falas indicam o quanto pode ser difícil confrontar-se com o sofrimento dos filhos após a separação (KASLOW e SCHWARTZ, 1995). No segundo depoimento, o participante expressa sua culpa, afirmando que seus pais “fizeram cinquenta anos de casados”. A perda do ideal de família aparece associada novamente a uma configuração de família tradicional, que tem como característica a permanência. Esse discurso evidencia a família conjugal moderna, mais uma vez, como norma, estando em concordância com as afirmações de Goldenberg (2003) sobre o modelo hegemônico de família.

Outros participantes, ao contrário, pareciam estar mais preparados para lidar com a situação, demonstrando, ao menos no momento da entrevista, não sentir remorso ou culpa.

*Eu também fui filha de pais separados. Meus pais se separaram eu tinha 4 anos. Não lembro deles casados até hoje. E eu não tenho o menor problema com isso. Meus pais sempre conviveram muito bem. Minha mãe casou de novo, casou de novo duas vezes. Meu pai também, no final da vida dele, ele já faleceu também, casou, passou os dois últimos anos da vida dele casado com uma pessoa maravilhosa, que eu me dou até hoje. Tem um filho com ela, um terceiro filho. Enfim... é... isso não foi problema. Quando você faz bem feito... **eu tô tão mais feliz**, que eu acho que isso envolve minha filha também, né? E meu ex-marido já casou de novo, já tá com outra mulher, feliz da vida. (Júlia, 38 anos)*

*Veio o pai dele (do ex-parceiro) aqui, me pediu pra não me separar. Porque como é que iria ficar depois? Cada um ia arrumar um e a criança ia ver dois casais diferentes, pai e mãe... Aí, eu falei pro pai “olha, **eu quero é ser feliz**”. “Não importa se eu vou ter outro, ele vai ter outra. **Eu quero é ser feliz**. Não adianta um casal ser infeliz, a criança também vai ser infeliz.” Igual o Eduardo (ex-parceiro) é infeliz. Pra mim, o Eduardo não é feliz. Essa bipolaridade dele... (Letícia, 42 anos)*

Eu acho que o filho de casal separado, ele é mais maduro do que o filho de casal junto. Por que? (...) Quando tem pai e mãe, a atenção é toda em cima do filho, né? (...) Quando a mãe não tá de olho, o pai tá de olho. (...) Com a separação, o filho fica mais independente. Porque ele fica mais, entre aspas, largado. Ele fica mais dono do seu nariz, quer dizer... (...) Ele é... cresce mais amadurecido. Essa é a minha opinião porque eu tô convivendo com isso agora. (Pedro, 46 anos)

*Eu me preparei muito pra esse momento. Porque a vida inteira ela falava “eu pego meus filhos e vou embora”. (...) Então, eu sabia, quando eu me separei, que ia acontecer o que tá acontecendo hoje. Eles tão morando longe de mim é... Eu sabia que a minha filha ia ser manipulada, eu sabia que meu filho será manipulado. Mas, foi uma decisão que a gente tem que tomar e toma, né? Porque você também **não pode deixar de viver** por uma situação dessa. Então, eu... meio que me... meio não, eu totalmente me preparei, assim, mentalmente, emocionalmente, para o que eu iria passar, para todas as fases que eu iria passar. E não fico lamentando que meus filhos não tão aqui. Eu tenho certeza, absoluta certeza, que eu fiz tudo que eu podia pra eles ficarem aqui, pra eles ficarem aqui perto de mim. (Sandro, 48 anos)*

*Meus pais são separados. Eu era até pequeno, mas... Eu acho que eu tinha sete, oito anos. Senti muito é... Meu contato com meu pai é praticamente inexistente hoje pelo que aconteceu. Esse é um dos motivos por que eu não quero passar isso pra minha filha, entendeu? Por isso que eu tô sempre presente, pra caramba. Eu acho que o que eu sofri em relação ao meu pai eu não quero que a minha filha sofra em relação a mim. Graças a Deus, isso foi um aprendizado que eu tive, que eu vou levar pra mim, entendeu? (...) **Eu sou um pai muito ativo**. Vejo ela, busco ela no colégio terça, quarta e quinta... é... final de semana, eu tô sempre com ela. (Arthur, 39 anos)*

*Ela já se acostumou que o pai mora numa casa, vê ela de quinze em quinze dias, né? (...) Ela já tá crescendo com isso... Então, isso pra ela já é o normal. (...) Não adianta você insistir como o pessoal de antigamente, que insistia e vivia um casamento ruim, entendeu? Ou pra um lado ou pro outro. Ou porque a mulher, antigamente, aceitava e fazia tudo que o marido mandava, né? (...) O homem mandava e a mulher era obrigada a aceitar. E, aí, aceitava porque senão ia ser mal vista na sociedade. (...) Hoje em dia, acho que isso existe menos. Hoje em dia, as pessoas **buscam felicidade o tempo inteiro**. Seja homem, seja mulher. Quando não tá dando certo, (...) cada um vai seguir sua vida e **vamos buscar felicidade**. Você busca a sua, eu busco a minha. (Alfredo, 41 anos)*

Ao invés da culpa, o que emerge na maioria dos discursos é a necessidade de viver e ser feliz. Esses dados confirmam a ideia, de que, na contemporaneidade, a satisfação pessoal ocupa um lugar privilegiado no

casamento, em detrimento da dependência entre os cônjuges, como foi ressaltado por Féres-Carneiro (1998).

No primeiro e no quinto depoimentos, a história familiar surge como exemplo daquilo que pode e não pode ser repetido, respectivamente. Assim, a separação dos próprios pais liberta os entrevistados do sentimento de culpa. No caso da primeira participante, assim como aconteceu com seus pais, a separação não foi um problema, na medida em que ela “fez bem feito”. O quinto entrevistado, por sua vez, permaneceu “um pai muito ativo” depois da separação, agindo em oposição ao próprio pai, que foi internalizado como exemplo a não ser seguido. É interessante destacar que ele entende que, apesar de separado, ele pode ser um pai presente, demonstrando que configurações familiares vanguardistas podem também atender as necessidades afetivas de seus membros.

5.3.4 Sentimentos atuais em relação à separação

Quando questionados sobre seus sentimentos atuais relacionados à separação, vários participantes discorreram sobre sentimentos de autonomia, autovalorização e crescimento pessoal.

Eu vejo que, assim, foi muito positivo pra mim, sabia? (...) Eu tive que ir pro fundo do poço pra surgir como uma nova pessoa, entendeu? (...) Eu comecei a me olhar como mulher de outra forma, cuidar mais de mim. (...) Então, acertar mais o meu lado feminino. Eu acho que eu cresci muito como pessoa, muito, amadureci muito como pessoa, como mãe, como mulher. E... o trabalho foi ótimo pra mim... Porque era uma coisa... que eu não vivia só em função do casamento. Eu acho que as mães que não trabalham, as mulheres que não trabalham sofrem infinitamente mais, entendeu? Porque, primeiro, que dependem financeiramente 100% do marido. Segundo que acaba que não tem uma vida social muito desvinculada do marido, né? Então, eu tinha um trabalho que mantinha ativa... (Bárbara, 38 anos)

Eu tenho muito orgulho de mim. Porque é muito difícil, entendeu? Porque é uma fase muito difícil e eu acho que eu encarei tudo... assim, com muito bom senso, me reergui. (...) Hoje, eu me vejo muito melhor que ele (ex-parceiro), entendeu? (...) Hoje, eu me vejo muito melhor, muito mais realizada. Eu vivi muito mais coisa, eu aprendi muito mais coisa, conheci um monte de gente. Assim... e tenho a minha vida nas minhas mãos. Talvez, quando eu tava casada, minha vida tava nas mãos dele, entendeu? Então, eu consegui ter assim... a minha vida na minha mão. Entendeu? (...) Eu dou graças a Deus que eu me separei. Porque, hoje,

eu sou assim muito melhor em todos os sentidos. Muito mais segura, mais independente, mais eu... mais... pronta pra muita coisa. (...) Eu era muito imatura. E... eu acho que eu me... eu me apoiava muito nele. Ele era a figura mais forte e eu ia na onda, entendeu? (Ana, 40 anos)

Tudo na vida te ensina muito. (...) Todo um aprendizado, né? Saber lidar com uma pessoa difícil também é um aprendizado, né? Saber lidar com pessoas diferentes de você, famílias diferentes de você é um aprendizado. (Letícia, 42 anos)

Dou graças a Deus de tá em outro momento da minha vida. (...) Mas, foi tudo certo também, eu amei muito ele, foi ótimo. Ele também gostou muito de mim, a gente tem uma filha maravilhosa, entendeu? Não me arrependo de ter sido casada com ele, acho que isso me ajudou também a crescer muito. Eu sempre muito infantil, muito mimada, sei lá, entendeu? Sempre enxerguei a vida de uma forma diferente. E você vai crescendo e as coisas vão ficando mais sérias. E os tapetes vão sendo puxados (risos). (Júlia, 38 anos)

Uma valorização... não é bem uma autoestima, é uma valorização... Eu sou mais do que tudo isso. Então, é... Eu sou mais do que um casamento, uma relação... A relação tem que ser comigo mesmo, eu tenho tá feliz comigo mesmo, eu tenho que fazer o que eu quero, o que me dá na telha mesmo, entendeu? (Luíza, 42 anos)

Tive uma filha linda, adoro... minha vida, entendeu? E, pô, isso pra mim, só isso já valeu tudo. O resto foi uma experiência que eu tenho que aprender pra não passar de novo. Então, pra mim, é isso. (...) Aprendizagem, maturidade. Entendeu? É você aprender pra não repetir os mesmos erros. (...) Então, os erros que eu cometi no meu casamento, eu tento não levar pros próximos namoros, né? (Alfredo, 41 anos)

Porque eu amadureci assim de um ano pra cá, eu amadureci muito. Eu tô mais feliz, né? Hoje, eu faço o que eu quero, a hora que eu quero. Sou um cara independente. **Quem passa a minha camisa sou eu, quem lava as minhas roupas sou eu.** Escolho um dia da semana, **dou uma geral na casa** e vou vivendo a minha vida, né? Hoje, eu sou o dono da minha vida mesmo, né? (...) Pra mim, foi uma mola, né? O que a mola faz? Ela te impulsiona. Pra mim, essa separação serviu pra que? Pra me impulsionar, pra me trazer de volta, pra retomar tudo aquilo que eu não tinha feito. (...) Essa separação, todos esses acontecimentos serviram pra que? Pra que eu retomasse a minha vida de novo, que eu pegasse a minha vida e falasse “pô, eu preciso crescer mais”. (...) E a gente sempre acha o contrário. Quando a gente adquire família, a gente acha que é muito mais importante cuidar da família pra, depois, cuidar de outra coisa. (...) Então, a separação, pra mim, foi aquele estopim do foguete, né? Não tem o “cinco, quatro, três, dois, um”? E, aí, aquela explosão que fez com que esse foguete entrasse em órbita, né? E esse foguete sou eu. (Pedro, 46 anos)

Embora mais frequentes nas falas femininas, sentimentos de autonomia, autovalorização e crescimento pessoal aparecem tanto no discurso das mulheres quanto no discurso dos homens, estando em conformidade com o que é destacado pela literatura sobre separação conjugal (WALLERSTEIN e KELLY, 1980; PECK e MANOCHERIAN, 1995; WALLERSTEIN e KELLY, 1998; FÉRES-CARNEIRO, 2003).

No primeiro depoimento, a entrevistada associa o trabalho fora de casa ao seu processo de crescimento pessoal, demonstrando que a atividade profissional pode funcionar como fonte de apoio para a autoestima, conforme foi observado por Kaslow e Schwartz (1995). Por outro lado, no último depoimento, é o trabalho doméstico que aparece associado ao crescimento pessoal. O participante afirma que, com o término do casamento, tornou-se mais independente, pois ele cuida da casa, assumindo tarefas tradicionalmente femininas. Esse discurso não corrobora o que é descrito pelas autoras citadas, uma vez que elas consideram que as tarefas relacionadas à administração de um novo lar podem ser vivenciadas pelos homens como insuportáveis.

Sentimentos de liberdade emergiram apenas nas falas femininas. Duas entrevistadas mencionaram a liberdade adquirida, quando indagadas sobre seus sentimentos atuais em relação à separação.

Não devo nada a ninguém. Então, hoje, eu não devo nada a ninguém. Você entendeu? Se eu tiver que sair com um cara hoje e tiver um negócio com ele hoje, dane-se se alguém achar que eu sou alguma coisa! Eu tô fazendo porque eu quero, eu tenho a minha liberdade hoje. Ninguém paga as minhas contas. (...) Eu tô gostando muito disso aqui, de não ter que dar satisfação, de não ter obrigações... O homem, por melhor que seja, você tem obrigações de fazer comida, de cuidar de roupa... (Márcia, 47 anos)

A minha liberdade... meu ex-marido me... ele era muito ciumento e muito desconfiado. (...) Ele desconfiava muito de mim assim, sabe? Tudo ele duvidava, tudo ele... Eu não sei explicar, eu não sei se ele achava que eu traía ele ou... Porque eu era muito livre (risos), sabe? Ou se era ciumento mesmo, uma coisa de ciúme, sabe? De posse. Então, quando eu me separei... (...) É uma questão de liberdade mesmo. Ufa! Eu não tenho horário, posso fazer o que eu quiser. Se eu quiser fumar um cigarro, eu posso fumar. Se eu quiser beber, eu posso beber. Se eu quiser ficar em casa dormindo, posso dormir. Se eu quiser sair com as minhas amigas... Entendeu? Ninguém tá me tolhendo, sabe? Essa é a situação. Não que eu queira (risos), mas, assim, qualquer coisa eu posso, entendeu? (Júlia, 38 anos)

Mais uma vez, os dados indicam uma vivência gratificante de liberdade em decorrência do desenlace conjugal, como foi pontuado por Féres-Carneiro (2003a).

Em contrapartida, somente os homens reconheceram a permanência dos mesmos sentimentos de tristeza do período pós-separação, ainda que sua intensidade e sua frequência não sejam as mesmas.

Pra mim, era o fim do mundo eu ter me separado. E, hoje, não. (...) Apesar de ainda me julgar triste pela perda da minha família, eu não vejo isso como um problema mortal. Não. Hoje, tá mais resolvido. Eu acho que eu penso um pouco que venceu-se aquela etapa, né? Agora, eu tenho que olhar pra frente. (Antônio, 50 anos)

*O tempo passa, você tem que aprender a entender esses momentos de depressão e tristeza como uma coisa normal. O problema é a frequência. Quanto mais perto da separação, a frequência é maior. Vai espaçando... vai passando o tempo, ela vai espaçando. (...) Te falei de uma namorada, que é um barato, tal, tal... Mas, tem momentos... Vou te mostrar uma coisa, apesar de tá tudo indo... **tudo indo bem...** (...) Se você quiser, eu acabei escrevendo uma coisa... (...) Se quiser ler, não sei se vai agregar alguma coisa à sua pesquisa (mostrou um texto que está em anexo) (Hugo, 49 anos)*

*Claro que eu fiquei mal um tempo, tô triste ainda, mas é... só o tempo que vai curar essas coisas, entendeu? (...) Eu tô... (pausa) tentando, né? A gente vai fazendo o esforço que é possível. Mas, cara, é... é o que todo mundo sabe, é o tempo. Já foi bem pior do que tá hoje, né? Tá bem mais tranquilo. Não tranquilo, mas já tá bem melhor. (...) Na verdade, eu não queria a separação e a **minha mulher** queria, entendeu? Então, quem acaba sofrendo sou eu mais do que ela. (...) Além de **eu perder o contato maior com a minha filha**, eu ainda perco o contato com a pessoa que eu gosto, entendeu? **De eu perder aquilo tudo, a casa, a família...** eu ainda perdi o... além de eu perder isso, **eu ainda perdi a pessoa que eu gosto**. Então, são... mais um sentimento. Ela pode até ter o sentimento da relação, mas ela não tem o sentimento de perder uma pessoa que ela gostava, entendeu? Porque, certamente, ela parou de gostar de mim. (...) E eu, não. Eu... esse sentimento em mim ainda existia. Então, além de eu ter que sair de casa, perder o contato com a minha filha é... a história do casamento, que eu tinha pra mim que era uma coisa importante, ainda tem a... de eu perder uma pessoa que eu gosto, entendeu? (...) Tem essa sensação também de perda, do coração, né? Porque aí fica machucado também. (Arthur, 39 anos)*

Ao exporem seus sentimentos atuais relacionados à separação, os participantes sinalizam que o processo de luto é um processo gradativo, em que a libido é desinvestida progressivamente das representações do objeto perdido, conforme foi postulado por Freud (1917/1996). Apesar da emergência dos

mesmos sentimentos do início do processo de separação, os entrevistados percebem que tais sentimentos não surgem com a mesma intensidade e frequência de antes.

Durante a entrevista, o terceiro participante referia-se à ex-parceira ora como “minha mulher”, ora como “ex-mulher”, ratificando que o luto consiste na descoberta e redescoberta repetidas que o objeto amado não existe mais (FREUD, 1917/1996). O mesmo pode ser dito do segundo entrevistado. Ao mesmo tempo em que ele dizia que sua história com a nova namorada estava “indo bem”, ele mostrava um texto que revelava todo seu pesar diante da perda do laço conjugal.

Ainda, considerando o terceiro participante, é válido ressaltar que ele sintetiza em seu depoimento todas as perdas sofridas: da mulher amada, do contato diário com a filha, da casa, da família. Esse discurso confirma a ideia de que o término do casamento inclui a elaboração de muitas perdas simultâneas (DUCATI, 2005).

Por último, é importante notar que as falas acima indicam que os entrevistados superaram a fase aguda de dor que se segue ao desenlace conjugal, como foi observado por Kaslow e Schwartz (1995). No momento da entrevista, o tempo de separação desses participantes era de dois anos, um ano e um ano e meio, respectivamente. Esses dados corroboram a afirmação das autoras citadas, que consideram que a fase aguda de dor é superada entre um e quatro anos depois da separação.

Outros entrevistados expressaram seu ódio pelo ex-cônjuge, mostrando como situações de conflito ou litígio funcionam como perpetuadoras do vínculo conjugal.

Eu não tô separado. Então, é... como ela é uma... (pausa) pessoa de pouco caráter, ela... é bastante litigiosa nossa separação. (...) Então, é assim, ***eu não tô separado.*** A gente continua brigando na justiça. Então, não há como ter uma relação amistosa com uma pessoa desse caráter, né? Quando terminar os processos, eu ganhando ou perdendo, as coisas serão menos... a gente viverá... pelo menos, deixará de viver esse embate na justiça. Mas, até lá... já são seis anos. ***Eu não tô separado*** na verdade, de direito. (...) Eu tenho um pedido de dissolução de união estável que corre, tenho um pedido de separação de bens, essas coisas todas. Tá tudo aí, eu tô todo enrolado ainda. (...) Eu procuro não ter tanta raiva dela quanto eu já tive. Mas, eu não consigo ter nenhuma... infelizmente, nenhuma vontade de ajudar ela, entendeu? Isso, pra mim, é um dilema muito grande porque eu tento melhorar como ser humano. Mas, eu tenho quase certeza que se eu... se ela precisasse que eu

estendesse a mão... se ela tivesse se afogando, eu acho que eu não dava minha mão pra ela. Mais ou menos é isso, entendeu? Eu prefiro que ela saia da minha vida. (...) Prefiro que ela não exista na minha vida, entendeu? Então, é... pra mim, isso é muito complicado porque eu tento ser uma pessoa melhor e, aí, eu tenho um compromisso de tentar é... ser assim mais amável com as pessoas, entender, perdoar, mas ainda tá difícil. Ainda tá muito... tem muita briga ainda. **Se não tivesse mais os processos**, se as coisas já tivessem mais desenroladas... (Sandro, 48 anos)

Aquele amor virou ódio de uma certa forma, entendeu? Hoje em dia, eu continuo magoada com ele. (...) Machuca, não adianta dizer que não, machuca. Mas, me machuca, sei lá, porque ele continua agindo como idiota, entendeu? Porque ele não veio e falou “foi mal”. (...) Não é fácil pra mim, sabe? É duro. Porque a gente viveu muita coisa legal. É meio triste porque... (começou a chorar) É complicado, eu não queria tá com essa raiva, sabe? (...) Eu fico passada que ele me fez chorar... (chorando) (...) Ele me agrediu no dia que ele tava indo pra Espanha com a mulher (parceira atual), entendeu? Então, aí, por causa dessa agressão, eu fui... achei uma boa advogada porque eu nem tinha advogada. (...) Foi ridículo, ele me deu um mata-leão. Primeiro, ele pegou no meu braço pra me tirar da portaria dele à força. (...) E, aí, eu fui, procurei advogada, comecei a correr atrás dos meus direitos assim direitinho, entendeu? Então, assim, teve muito estresse nessa época. (...) De lá pra cá, foi assim... tipo, briga... vai e vem no acordo, vamos fazer assim, vamos fazer assado... A gente já assinou, só que continuou... Ele tava com cara de ódio no dia da assinatura. (...) Achou o que? Que eu ia dar uma de idiota. Eu até tava dando uma de idiota. Nossa, ele fez cara de bicho, saiu puto... e sabe? Assim, não parou de aprontar. (Laura, 34 anos)

Esses depoimentos demonstram como situações de conflito e de litígio estão a serviço da manutenção do vínculo conjugal, permitindo que os ex-cônjuges extravasem seus sentimentos de raiva e de desilusão com o casamento. Enquanto o primeiro participante repete que não está separado, a segunda entrevistada afirma que “aquele amor virou ódio”. Essas falas indicam que a separação emocional não ocorreu de fato, estando em consonância com o que foi ressaltado por Ribeiro (1999), por Shine (2002) e por Farkas (2003).

No segundo discurso, a entrevistada conta que, depois de ser agredida pelo ex-parceiro, ela procurou uma advogada, deixando claro o momento em que transferiu as questões mal resolvidas da conjugalidade para o sistema judiciário (RIBEIRO, 1999; SHINE, 2002). Assim, o processo legal da separação não foi vivenciado como um ritual de passagem, tornando-se o palco de atuação dos ex-cônjuges. Nem mesmo quando esse processo chegou ao fim, a legalização da separação funcionou como a cena representativa da ruptura. Ao longo da

entrevista, a participante deixou emergir toda sua mágoa, tornando evidente sua dificuldade de desvinculação.

Essa dificuldade de desvinculação é evidente também no primeiro depoimento, quando o entrevistado associa a permanência da raiva à continuidade dos processos que tramitam na justiça. A longa e sofrida batalha judicial, travada pelo participante e sua ex-parceira, funciona como forma de perpetuação do vínculo conjugal, conforme foi destacado por Antunes, Magalhães e Féres-Carneiro (2010).

Questões mal resolvidas da conjugalidade aparecem também nos próximos discursos, apresentando-se como uma resistência a estabelecer novos vínculos.

*Hoje, eu não desgosto (da ex-parceira), mas também não quero ver. Me faz mal ficar perto, olhar, escutar a voz. Me faz mal. (...) A maior mágoa que eu tenho da minha separação é isso. Ela nunca soube ouvir, ela queria ditar. (...) Só tinha cobrança. Quando tinha briga, eu que tinha que absorver é... pra poder manter o casamento, eu que tinha que ir lá, pedir desculpas. (...) Não fazia nada, mas eu tinha que inverter os papéis pra poder continuar amando aquela pessoa, que era a mãe das minhas filhas. (...) Olho pra trás, não... a única coisa boa que eu vejo é... foi uma experiência que me valeu muito. Porque, assim, **não erro de novo**. Porque eu não pretendo casar de novo. Eu tenho na minha cabeça o seguinte: errar é humano, **permanecer no erro é burrice**. Então, o que eu tinha que errar eu já errei e **não erro mais. Cometer o mesmo erro não tem como**. (...) Do casamento, o que restou de bom foi minhas filhas. (...) Casar de novo não quero. Me relacionar sério também não. (Marcelo, 45 anos)*

*Eu não consigo ter uma namorada pra me relacionar. Porque, pelo o que eu passei com a mãe da minha filha, eu acho que a aproximação, hoje em dia, é muito devido a isso, por eu trabalhar onde eu trabalho. (...) Eu não acredito. (...) Eu saio, fico. Não acredito que aquilo ali... vai existir amor, que vai ser um relacionamento. (...) Não caso de novo (risos). **Ninguém erra duas vezes**. (Joaquim, 41 anos)*

Durante toda a entrevista, esses participantes mencionaram somente aspectos negativos do relacionamento amoroso, refletindo questões mal resolvidas da conjugalidade. Tais aspectos foram “depositados” nas ex-parceiras, de modo que lhes foi atribuída toda a culpa pelo fracasso do casamento (SHINE, 2002). Perpetuada pelo litígio, essa dificuldade de integrar os aspectos bons e maus do outro é um empecilho para a elaboração da perda (FARKAS, 2003), impedindo o ego de tornar-se disponível para novas ligações

(FREUD, 1917/1996). Esses entrevistados repetiram várias vezes, ao longo da entrevista, que não cometeriam o mesmo erro, deixando nítida sua resistência diante da possibilidade de estabelecer novos vínculos.

5.3.5 Reconstrução da identidade

Ao refletirem sobre as mudanças decorrentes da separação, alguns participantes consideraram o término do casamento uma oportunidade de resgatar aspectos de si mesmo.

Quando eu me separei, eu me questionava. “Caramba, o que eu gosto?” Porque, quando você tá acostumada a ser casada um tempo, você sem perceber você faz as coisas que o outro gosta. Não é? Você sem perceber você faz as coisas, você vai aos eventos, você vai na parte social, muitas vezes, que o outro gosta. Eram poucas as situações em que ele me acompanhava. Então, quando eu me separei... sabe quando você faz uma análise da sua vida? “O que eu gosto de fazer? Eu gosto de ir ao cinema? (risos) Eu gosto de ir à praia? (risos) Eu gostava de velejar realmente quando eu velejava? Eu gosto sei lá... Eu gostava de ir nos eventos que ele ia, onde eu ia com ele?” Você faz essa análise. “Caramba, quem sou eu? Eu gosto de que?” Isso é bacana. (...) Eu sei o que eu gosto. Porque, quando você vive em conjunto, chega uma hora, se você não parar pra pensar, você tá fazendo algo automaticamente. Você não pensa se você realmente quer aquilo e se você gosta. (Letícia, 42 anos)

Eu acho que eu comecei a me conhecer, a fazer as coisas que eu gosto, a descobrir o que me dá prazer. Eu comecei a ser feliz sozinha, aprendi a ser feliz comigo mesma. (...) Acho que eu comecei a aprender a... sabe? A ver o que eu gostava de comer, o que eu gostava de beber, tudo, que esporte que eu gostava de fazer, aonde eu gostava de ir, quem são os amigos com quem eu quero andar, quem eu acho que tem identidade comigo. Acho que eu aprendi tudo assim da vida. Acho que eu aprendi a... Eu era muito ligada nele, eu fazia tudo que ele fazia. Eu vivia a vida dele, eu não vivia a minha vida. Eu vivia a vida em função dele. Ele tinha trabalho em São Paulo, a gente ia morar em São Paulo. Tinha trabalho não sei aonde, eu ia pra não sei aonde. Queria ir pro lugar tal, eu ia pro lugar tal. Acho que eu era mais levada, entendeu? Conduzida. (Beatriz, 39 anos)

Eu comecei a ouvir a música que eu queria ouvir, ler o livro que eu queria ler, entendeu? Na verdade, isso não tem a ver... talvez, não tenha a ver com a pessoa, tem a ver com o fato de você tá ali naquela situação e não... é... não tá vivendo a vida, entendeu? Sabe aquela coisa de você

ficar... parado na janela, olhando o tempo passar? Mais ou menos isso, entendeu? (Arnaldo, 42 anos)

Apesar de os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizarem que o casamento deve sustentar a autonomia de cada cônjuge, as falas acima confirmam que individualidade e conjugalidade são duas forças paradoxais de difícil conciliação (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Nesse caso, o processo de separação aparece, então, como uma possibilidade de descobrir e retomar interesses, a partir da exploração do ambiente e do próprio mundo interno (KASLOW e SCHWARTZ, 1995).

Com o desenlace conjugal, algumas entrevistadas optaram por retornar ao mercado de trabalho ou redirecionar a carreira, como veremos a seguir.

Eu, muito inexperiente, eu permite muita coisa. Permite que ele me conduzisse, né? Ele nunca me deixou estudar... eu fiz uma faculdade escolhida por ele porque era ao lado da minha casa e porque tinha de tarde, entendeu? (...) Estou, hoje, com 47 anos, recomeçando minha vida do nada. (...) E o que eu faço? Eu procuro colocar meu foco na minha vida profissional e financeira, que é o que eu preciso realmente fazer, né? Eu preciso desenvolver rapidamente esse lado profissional e financeiro. (Márcia, 47 anos)

Agora, já tô uns três anos numa área muito mais administrativa, muito mais estratégica, muito mais... outra filosofia completamente diferente, completamente diferente da que eu tava. (...) A mudança maior foi meu trabalho em si. Porque eu mudei de área. Hoje, eu não trabalho mais na área de informática. (Ana, 40 anos)

Comecei a me dedicar à fotografia, que é uma coisa que eu gosto muito. Comecei a fazer cursos de fotografia e a minha intenção é abrir um estúdio, em breve. Porque, aí, vou ficar com o horário flexível, monto os meus horários. E eu posso fotografar a hora que ela (filha) tiver na escola ou na casa do pai. (Bruna, 39 anos)

Enquanto essas participantes investiram em novas atividades profissionais após a separação (KASLOW e SCHWARTZ, 1995), um entrevistado mencionou, com entusiasmo, que aprendeu a cozinhar, tornando-se mais independente.

De repente, eu me vi sozinho, tendo que fazer absolutamente tudo. Sozinho, né? (...) Depois de um tempo, eu comecei a ficar muito ansioso

*pra achar uma outra pessoa, pra substituir e... isso, na verdade, não é por aí, não tinha nada a ver mesmo. E, depois, eu relaxei com isso e parei de pensar dessa forma e fiquei só tocando a vida, entendeu? Quer dizer, eu comecei a... ter que desenvolver coisas aqui, assim, pra poder suprir essa falta que ela fazia, né? (...) Cara, eu comecei a cozinhar, cozinhar, cozinhar... e muito bem. Aí, **eu comecei a descobrir que eu cozinhava muito bem**. Pô, meu arroz é maravilhoso, meu feijão idem, sabe? O bife fica perfeito. Eu descobri medidas de cozinhar. Então, eu faço rápido, eu faço bem feito. Isso também me deu uma autoestima, sabe? Assim, a... começar a ver que eu tinha uma certa independência nessas coisas, né? (Renato, 48 anos)*

Entre os depoimentos masculinos, o trabalho doméstico aparece, uma vez mais, como fonte de apoio para a autoestima no período pós-separação, contrastando com o papel masculino tradicional, desempenhado no casamento e na família.

Outros participantes recorreram sobre as mudanças relacionadas à vida social, afirmando que, com a ruptura do laço conjugal, construíram uma nova rede social.

O processo mais difícil foi ter paciência pra minha vida é... se... entrar numa normalidade social, vamos dizer assim. Entendeu? Porque eu era nova, cheia de energia. Às vezes, sábado à noite, eu queria... pô, queria... eu não digo badalar, não é isso. Na boa, eu queria tanto sair pra um restaurante, sair pra jantar fora. Eu queria ir num cinema e não ter companhia, entendeu? É... eu acho que... o mais difícil foi isso. (...) Os amigos casados estão todos em casais. A programação já não é mais a sua, você não se encaixa mais, né? É... então, é isso. Eu comecei a... eu sempre gostei muito de fazer esporte. Aí, eu voltei as minhas atividades de esporte. Nisso, eu conheci muita gente. Uma amiga puxa a outra, né? (Bárbara, 38 anos)

Tem muitos amigos nossos com quem eu não falo mais é... que eu não falo mais assim é... porque não encontro mais, parei de sair com essas pessoas, né? Algumas até se ressentem e tal. (...) Porque são os amigos dele, que eu conheci através dele, né? (...) A família dele também me renegou desde a separação, né? (...) Eu não vou dizer pra você que eu fiquei a vida inteira chorando e remoendo e... Não, eu abri as portas da minha casa. (...) Dava mil festas aqui, dei Reveillon aqui. (...) Eu pulava Carnaval com as minhas sobrinhas. (...) Me fantasiava e ia pra bloco com elas. (...) Eu comecei a conhecer pessoas, ir pra boate, ir pra barzinho. (...) Eu não sabia nada, né? Eu tinha que conhecer de novo homens, eu tinha que saber como era namorar. E, aí, era divertido. (Sônia, 52 anos)

E ele (ex-parceiro) achava... sempre quando ele me via rindo muito... “Que isso? Tá doida?” (risos) “Que gargalhada é essa? Você tá bêbada.” Eu não bebo, eu não bebo nada que me faça ficar fora de controle. Então, era muita... sabe? Era muita poda. (...) Eu voltei a fazer várias coisas que eu gostava, a sair, a rir. (risos) Eu gosto muito de sair com amigos, de rir. Eu gosto muito de rir. (Bruna, 39 anos)

Hoje, de fora, eu vejo que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida eu ter me separado dele. Porque eu era assim uma... sei lá, uma ameoba na vida dele, sabe? Uma pessoa que não tinha vontade própria, fazia tudo que ele queria, sabe? (...) Me separei de todos os meus amigos porque a vida dele era trabalhar. (...) E eu, não. Eu sempre fui uma pessoa alegre, gosto de gente, gosto de sair, gosto de tudo. Então, eu acho que... Eu recuperei também todas as minhas amigas... Então, voltei à minha vida, voltei... Tive relações assim de sexo, com prazer, com amor, com vontade, que eu nunca tinha tido com ele. Olha que coisa louca. Então, é ruim o que eu fiz com ele também, né? Os dois fizeram. (...) Eu acho que eu cresci muito como pessoa... Eu não tomava um chopp quando eu era casada. Detestava chopp, detestava... Hoje em dia, eu tenho minhas amigas, tomo chopp, me divirto. (...) Hoje, eu falo, graças a Deus que eu me separei. Porque a minha vida... eu sou outra pessoa. Tenho uma vida muito mais alegre e tudo. (Beatriz, 39 anos)

Tô conhecendo novas pessoas, saindo com os amigos, entendeu? Essas coisas que você não faz quando é casado, você fazia quando era solteiro. Graças a Deus, conheço bastante gente, sabe? O pessoal me apoiou. Os solteiros me chamam pra sair. Os casados, não. (...) Não fico enfurnado em casa, sem fazer nada. (...) Cara, tô curtindo a vida é... não do modo que era antes, porque eu tinha, sei lá, trinta anos, vinte e nove. Agora, eu tenho trinta e nove. Então, é... tem que aprender a... a sair na noite de novo. Às vezes, eu vou em boate. Às vezes, eu vou em barzinho. E conhecendo garotas novas, vendo que... sabe? O mundo não tá perdido, posso ter outros relacionamentos se eu quiser é... e, eu te falo, só não tô namorando porque eu não quero, entendeu? (...) Eu tô curtindo, entendeu? Tô saindo... desculpa o termo, pegando todo mundo, entendeu? E... sabe? Tô vendo que, cara, é... a vida não tá perdida, entendeu? Tenho uma vida longa pela frente ainda. (Arthur, 39 anos)

Isso eu aprendi com a separação. As pessoas que estão a tua volta, do teu cotidiano, sendo casado ou não... Você estabelece algumas relações e algumas são mais próximas, outras não... Algumas te desejam, outras nem tanto... Quando você se separa, se torna disponível a tudo isso. Então, eu, na verdade, comecei a sair com mulheres do meu círculo de amizade, do meu círculo de trabalho, né? Não que trabalhassem diretamente comigo, mas pessoas que conviviam em torno do meu casamento, que tavam a fim de sair comigo. Eu simplesmente saí. Então, quer dizer, não fiquei em casa... não, que nada. Eu trabalhei todo dia e bandalha final de semana. (...) Não sou um ermitão não. Não fico em casa o tempo todo. Muito pelo contrário, fico até pouco demais em casa. (...) Dizem que eu tô no vento. Pra onde me chamam eu tô indo. (...) Me tornei um paquera. Isso eu tenho que admitir. Melhorei minha performance agora, tô demais. (Antônio, 50 anos)

Com a dissolução da conjugalidade, a pessoa separada pode excluir ou ser excluída de uma rede social ampla, derivada do casamento (WALLERSTEIN e KELLY, 1998). Enquanto ocorre o afastamento dos antigos amigos, outros relacionamentos são construídos ou modificados, formando uma nova rede social (KASLOW e SCHWARTZ, 1995).

Entre as mudanças decorrentes da separação, os entrevistados mencionaram também as transformações na aparência.

Mudança? É que você não me conheceu antes... mas, você ia ver que eu sou totalmente outra pessoa. (...) Nesse tempo, meu cabelo era grande, né? Agora, tá curtinho. Agora, eu tô um pouco mais moreninha, mas tava bem loura. Tinha vinte quilos a mais, vinte e dois... (...) Emagreci muito. Você vai ver que eu tô com as minhas unhas pintadas, maquiagem no rosto. Mudei muito externamente. (Luíza, 42 anos)

Eu acho que eu sempre me vesti assim. Depois, quando eu me casei é... eu acho que eu meio que dei uma freada, né? Que é aquilo que eu te falo, são os acordos que você faz no relacionamento, né? Não tem que agredir ninguém. (...) Então, eu controlava um pouco o meu modo de vestir, digamos assim. Eu era um pouco mais... por exemplo, na época que eu tava casada com ele, quando eu fazia é...a faculdade e eu trabalhava com meu irmão, eu usava uns terninhos. Eu tenho horror a terninho, horror. (...) Eu usava. É elegante? É, mas não é a minha praia, entendeu? (...) Hoje, eu não uso. Não adianta você me pedir, pode me pagar, mas eu não vou usar. (...) Eu acho que, até nisso, eu pude me liberar, voltar a ser o que eu era, me vestir da forma como eu gosto, usar os meus biquínis sem ninguém me criticando. E foda-se, literalmente foda-se, quem achar alguma coisa, entendeu? (Sônia, 52 anos)

Faço minha ginástica, me arrumo melhor. Não fazia uma ginástica, sabe? Não comprava uma roupa. Era tudo cimento, tijolo, porque ele (ex-parceiro) constrói. Todo dinheiro era pra aquilo. Eu tava sempre desleixada, sabe? Acho que isso... sei lá, foi uma... um massacre. (Beatriz, 39 anos)

Você volta a ficar mais vaidosa, a se cuidar mais, sabe? Perceber o que é interessante, olhar o sexy appeal, entendeu? Você começa a ter olhares de outros homens, que te dizem coisas que você não imaginava, entendeu? Pô, desperto isso? (risos) Entendeu? (Bárbara, 38 anos)

Ah, fiquei mais bonito. Eu me cuido um pouco mais. Posso dizer porque as minhas funcionárias dizem isso. As pessoas (...) dizem como o casamento me fazia mal. "Porque você se vestia mal, se arrumava mal. Você, agora, anda um gato." Elas falam isso. (...) Quer dizer, até cuido um pouco mais de mim nesse sentido. (Antônio, 50 anos)

Eu não tinha capricho com meu corpo, não fazia academia... Hoje, me preocupo mais com a minha forma física, alimentação, né? (...) Coisa com que, antigamente, eu não esquentava a cabeça. Às vezes, eu ia jantar onze horas da noite. Às vezes, eu ia beber cerveja junto com a refeição. Então, a separação fez eu cuidar mais de mim. E a minha autoestima melhorou muito, melhorou muito mesmo. (Pedro, 46 anos)

Homens e mulheres podem realizar uma verdadeira transformação no visual no período posterior à separação, como foi pontuado por Kaslow e Schwartz (1995). Entre as modificações na aparência, as autoras observam, tanto nos homens quanto nas mulheres, mudanças na cor e no corte do cabelo, perda de peso e ingresso em alguma atividade física.

Nesta categoria de análise, as mudanças citadas pelos participantes constituem o processo de reconstrução da identidade, conforme foi ressaltado por Féres-Carneiro (2003a). A dissolução do laço conjugal é um processo em que a identidade do casal se desfaz progressivamente, enquanto os ex-parceiros redefinem suas identidades individuais.

5.3.6 Relação com o ex-cônjuge

A partir do discurso dos entrevistados, foi possível constatar que, na maioria dos casos, o padrão de relacionamento com o ex-cônjuge não sofreu alterações significativas ao longo do tempo, mantendo-se o mesmo do período seguinte à separação até o momento da entrevista. Como veremos a seguir, alguns participantes conseguiram manter, desde o início do processo de dissolução da conjugalidade, um bom relacionamento com o ex-cônjuge.

Hoje em dia, eu gosto muito dele. A gente convive muito bem por causa da nossa filha e tal. Continuamos tendo umas diferenças de pensamento, de maneira de criar e tal, mas a gente sempre chega num consenso. A gente evita esse atrito por causa da criança. (...) Muito rapidamente, a gente já conversava numa boa. Aí, um ano depois, quando a gente foi fazer nosso divórcio, a gente foi até junto no carro, sabe? Lá pro Tribunal, no centro da cidade. Aí, voltamos juntos, com a minha advogada, falando besteira... Então, foi assim super... diferente, todo mundo rindo, entendeu? (Júlia, 38 anos)

Foi válido porque a gente teve dois filhos maravilhosos, que a gente ama de paixão. Temos uma amizade, apesar de tudo isso. Eu não sei o que é

isso, que eu não consigo brigar com ele. Ele com a mulher lá, a mulher engravidando dele, eu com meu filho recém-nascido... Olha só que loucura. Que coisa, né? Eu não ficar com ódio desse homem, né? Não botar na justiça, não brigar, chamar de... nada. Nunca deixei... nunca impedi de ver os filhos. Sempre pega os filhos, de quinze em quinze, uma vez por semana... Nada de briga com ele. Nada. (...) Nem quando eu me separei, nenhuma vez eu tive brigas assim... nunca. Briga tem, né? Discussão... Só que tem brigas assim... mas, eu tenho toda a intimidade do mundo. Porque eu acho que o que ficou dentro da gente... a gente tem uma amizade muito grande. Porque teve... são treze anos. Assim, quando ele tá com qualquer problema, na empresa mesmo... Outro dia, ele me ligou, pedindo dinheiro emprestado. Aí, eu empresto pra ele pagar a parcela do apartamento com a mulher. Olha que loucura. Entendeu? Mas, eu sei que se eu tiver na mesma situação... Eu tive um problema na loja. Quem foi negociar? A advogada não conseguiu. Ele pegou e resolveu tudo. Então, a gente tem uma cumplicidade de vida. A gente super amigo, né? (Beatriz, 39 anos)

Eu acho que a gente tem uma coisa boa da... e assim... claro que a gente tem nossos períodos de desentendimento, a gente briga e tudo. Mas, eu acho que a gente sempre conseguiu manter uma civilidade. Eu acho que a gente tem um entendimento de que tudo deve ser feito pro melhor pra nossa filha, sabe? (...) Pelo menos de minha parte, e acho que da dele também, como a gente tem um relacionamento muito antigo, de muita amizade, entendeu? E eu acho que isso não se perde. Enfim, eu não deixo de desejar bem pra ele, entendeu? Então, é aquela coisa que você briga, mas, daqui a pouco, você volta a se dar bem, entendeu? Porque você viveu junto com a pessoa, sabe? (Bárbara, 38 anos)

Somos amigos. (...) Sempre teve amizade no meio. Sempre teve... sempre teve o... o sentimento. O sentimento sempre tava lá. Quase nunca ele sabe expressar o negócio. Ele expressa de um jeito e, aí, a gente vai entendendo, né? Como o outro funciona. (...) Continua existindo o sentimento de amizade, de não querer perder o contato, de tratar bem. É o carinho. (Luíza, 42 anos)

A relação é bastante amigável. (...) Hoje, até beijinho no rosto eu dou, abraço. Aí, falo pra ela “olha, se cuida, tá com a carinha de cansada...” (...) Logo após a separação, eu fiz de tudo pra não ter atrito algum. Apesar dos empurrões familiares, eu procurei ter a calma, ter a tranquilidade pra poder lidar com a situação. O que ela queria, o que ela precisava era de dinheiro, na época, pra ela se instalar, comprar fogão, comprar geladeira, comprar as coisas. Porque ela não levou nada de dentro de casa, só a roupa. E eu proporcionei isso a ela. Porque, logo de cara, eu paguei pensão. E eu nunca perguntei se ela tá usando a pensão pra ela ou pra ele (filho). Eu tenho na minha cabeça que eu tô fazendo a minha parte, né? (Pedro, 46 anos)

Eu acho que isso tá resolvido, neste sentido. No sentido “amor”, no sentido “a pessoa”, eu acho que tá resolvido. A gente sai, ela passa o Natal comigo. A gente tem uma relação de amizade boa, apesar de não falar com ela desde... A gente se fala pouco, mas gosto dela. Adoro estar com ela, essa é uma verdade. E tenho certeza que é recíproco. Quando a

gente sai, por qualquer motivo, nos pegamos horas conversando. Sabe alguém que sempre teve a ver com você? A gente se conhece desde sempre, desde a faculdade. Então... desde o primeiro ano de faculdade, vinte anos, eu tinha vinte e um, vinte e dois, sei lá. Então, o que acontece? A gente tem uma relação ótima nesse sentido, né? (Antônio, 50 anos)

Essas falas evidenciam a retenção dos aspectos positivos do relacionamento, o que possibilita a elaboração da perda (SHINE, 2002). Esses entrevistados cumpriram com êxito a tarefa de restabelecer dentro de si mesmos o objeto amado e perdido (KLEIN, 1946), ratificando o que foi destacado por Násio (1997) sobre o processo de luto. Com a elaboração da perda, a pessoa enlutada investe de outra forma a representação psíquica do ser amado, retirando-lhe o excesso de afeto. Assim, o enlutado não deixa de amar, mas começa a amar de outra forma, sem um apego demasiado.

Em alguns depoimentos, é possível notar a capacidade de discriminar as questões referentes ao término da conjugalidade daquelas relacionadas à parentalidade, o que corrobora a afirmação de Shine (2002) de que é justamente na retenção dos aspectos positivos do outro que reside essa capacidade.

Em contrapartida, outros participantes mantiveram, desde o início do processo de separação, um relacionamento conflituoso com o ex-cônjuge.

Tentei várias vezes sentar e conversar e ele levava sempre... Porque tava ferido, ele não queria essa separação e é um homem que todas as mulheres querem. Como a mulher dele não quer mais ele? Não pode. Nunca, não vai aceitar isso nunca. "Eu vou deixar você aqui e vou pisar assim em você. Você vai sair sem nada. Sabe por que? Cadê seu carro? Vendi. Sabe por que? Porque o carro era meu. Você não tem nada. Você vai sair daqui sem nada." Falava pra mim. Era nesse nível... (...) Eu vejo que não tem condição, não vai ter condição, sabe? De ter qualquer convívio, pelo menos durante um tempo, social com ele. (Márcia, 47 anos)

Aqui mesmo, já veio duas vezes oficial de justiça. Aí, eu tive que acionar minha advogada pra impedir isso. Hoje em dia, tá impedido, não pode. Porque eu cumpro com tudo que a lei determina. Faço tudo que a lei determina, até muito mais. (...) Ela não aceitou a separação. Quando uma pessoa não aceita a separação, ela vai fazer alguma coisa pra te prejudicar. A primeira coisa que ela fez, ela colocou oficial de justiça aqui pra pedir a guarda da menina. (...) Em momento algum, eu briguei por isso. Porque eu nem teria condições de brigar. Como eu falei anteriormente, eu moro sozinho. (...) A mãe da minha filha viu que separou mesmo, que perdeu... Ela tentou afastar minha filha de mim. (...)

Acionei a advogada de novo. Porque ela não cumpriu o que foi determinado. Ela viajou com a minha filha no meu final de semana. Eu fui lá buscar, tomei um susto enorme. (...) Pra mim, tinha fugido com a minha filha. (...) Ela me impediu durante um bom tempo. **Fiquei um bom tempo sem ver minha filha.** (...) Porque a única coisa que ela tinha pra me afetar... era a minha filha. (Joaquim, 41 anos)

Ficou ruim (a relação com a ex-parceira), até hoje não é bom. Até hoje... não tem como, né? De vez em quando, eu brinco, eu falo com... que essa história de falarem “minha melhor amiga é minha ex-mulher”, pra mim, isso é coisa de viado, né? Não tem esse negócio, entendeu? Não tem como ser ex-mulher e amiga. O que aconteceu? Existia uma coisa no meu casamento no final... meu casamento terminou em traição. O que acontece? Naquele momento de ela verbalizar “eu quero me separar”, ela já tava tendo um envolvimento com alguém. (...) E, quando eu soube daquilo, é uma coisa muito ruim. **Pro homem, essa coisa de traição é muito complicada...** Então, é... o que acontece? O que aconteceu em seguida? Começaram as discussões com relação às questões patrimoniais. (...) O que feria o bom senso era essa coisa de ela já tá numa outra relação e, ao mesmo tempo, demandar de mim certas coisas financeiras. (...) Ela queria ou imaginava que eu fosse amigo dela, entendeu? E eu nunca vou poder ser amigo dela porque... Talvez, se o casamento não tivesse terminado dessa forma, com traição e... Se ela tivesse começado o relacionamento depois era uma outra história. Mas, como ficou essa coisa... é lógico que é uma marca que tá ali, que não tem como ser removida. Então, isso afetou algumas coisas. (Arnaldo, 42 anos)

Mesmo ela sabendo efetivamente que eu tava ganhando menos, (...) ela mandou me prender cinco vezes porque a pensão... Porque eu nunca deposei a integralidade dos salários. Não faz sentido. Você vai viver do que? (...) Foi feito todo um cálculo na justiça e eu não devo mais nada pra ela. (...) Ela podia desistir da ação, mas ela não desiste. Ela quer tentar ao máximo me extenuar nessa briga. (...) Ele (o filho) ia entrar de férias. Eu tinha planejado minhas férias. “Amanhã, você vai ficar com o papai, a gente vai ficar as férias juntos.” Ela, naquela noite, fugiu com ele pra cidade dela. E ficou lá sessenta dias. (...) Eu não acreditava naquilo, eu não acreditava como ela podia ser tão vagabunda... uma pessoa fazer um negócio desses. (...) Eu tava todo planejado, inclusive emocionalmente, pra poder grudar no meu filho. (...) **E ela fugiu com ele,** ela simplesmente... Ela simplesmente meteu o pé. Eu não acreditei naquilo, cara. (...) Sabe quando você fica cego? (...) “Vou matar essa mulher.” Como ela faz isso comigo? Ela extirpou todo meu lado emocional. Eu tava totalmente preparado pra ficar com meu filho e ela tirou aquilo de mim. Eu não acreditei naquilo. Realmente... ainda bem que ela foi embora, ainda bem que eu não matei ela, naturalmente. Porque não seria solução pra ninguém. Mas, foi um período crítico, foi um período em que eu fiquei com ódio dela mortal. (...) Eu não faço questão que ela viva, naturalmente. Espero que ela morra, levando ninguém, né? Nenhum acidente, né? Mas, se ela passar mal e morrer, pra mim, não tem nenhum... Hoje, não tenho nenhum sentimento de perda, de pena. É assim uma coisa bem decidida. Pra mim, não... não vai me fazer falta. (Sandro, 48 anos)

Ela fez uma queixa na delegacia. O que ela sempre ameaçou ela foi fazer depois da separação. (...) Ela começou a me ligar, me perturbar. Aí, eu falei que não ia mais atender ela, que ela só ia falar agora comigo através do meu advogado. Aí, ela foi na delegacia e deu uma queixa de que eu agredia ela. (...) O único relacionamento que eu tenho é esse aqui, vou te mostrar. (...) Ela manda as mensagens, né? (...) Quando eu tô a fim, eu respondo. Fora isso... (...) Isso aqui são as poucas mensagens que eu respondi. (...) Se eu acho que eu devo levar a frente, eu levo. Se não, eu delete. (...) Não falo com ela. Meu advogado, quando vai falar com ela... xinga, só falta bater nele. Mas... (risos) tá tudo certo. Não batendo em mim, não me xingando, tá bom. Ele é meu representante (risos). Tá sendo pago pra isso. Então, tá bom (risos). (Marcelo, 45 anos)

*O processo de separação é traumático, é dolorido. É doloroso porque a justiça... Qualquer briga é briga, qualquer merda é merda, sabe? Tudo... qualquer coisinha é motivo pra briga, brigas astronômicas. Troca de e-mail, de ofensas, o tempo inteiro. O litigioso é muito dolorido. (...) Ela (ex-parceira) chegou a impedir um Ano Novo. **Eu não consegui passar o Ano Novo com a minha filha.** Tava tudo marcado, eu com a passagem comprada... Ela vetou, disse pra eu ir no juiz... O juiz disse que ia ser muito traumático pegar a minha filha na casa da avó pra viajar. E tudo era... sempre foi muito traumático. A separação foi muito traumática, muito traumática. Era briga por dinheiro, briga pela minha filha. Qualquer coisa, “ah, vou chamar a polícia”. Foi complicado. (...) Nunca fez, mas ameaça... direto. (...) Porque eu queria ver (a filha), porque eu queria viajar. Porque eu cortei o cabelo dela uma vez que ela tava comigo, entendeu? (...) Foi um inferno, um Deus nos acuda, porque... Era briga. Por qualquer motivo, era briga. Entendeu? Foi muito traumático, foi muito complicado. (...) Evito contato hoje em dia. Converso o básico, o necessário do necessário do necessário. Entendeu? Até porque sempre teve muita confusão, mesmo depois da separação. Por isso que foi litigiosa, porque era o jeito de ela me afetar. Então, queria me afetar pelo dinheiro, na hora da pensão. (...) Volta e meia tem umas coisas assim, aquela coisa pra irritar, pra... Então, eu evito contato. (...) Um exemplo, minha filha tava com piolho e não curava, entendeu? Aquele negócio repetitivo... “Você tá dizendo que eu sou má mãe, que eu não cuido?! Quem é você?! Você é um merda pra ficar me criticando!” Umas coisas assim, entendeu? Então, pra evitar esse tipo de coisa, eu evito até questionar. Questiono quando eu tenho, posso e acho que vai surtir algum efeito. (Alfredo, 41 anos)*

Os discursos acima demonstram como o litígio conjugal atende às necessidades de ataque e defesa dos ex-cônjuges (SHINE, 2002), de maneira que o sistema judiciário fica a serviço da manutenção do vínculo conjugal (VAINER, 1999). A partir de questões relacionadas à guarda e à visitação dos filhos, é possível perceber que, no processo litigioso, aspectos referentes à parentalidade confundem-se com aqueles que dizem respeito à conjugalidade. Através da permanência da parentalidade, os conflitos conjugais são

atualizados, indicando que a ruptura do vínculo não ocorreu de fato. (ANTUNES, MAGALHÃES e FÉRES-CARNEIRO, 2010).

Considerando que conjugalidade e parentalidade ficam emaranhadas no litígio conjugal, é importante enfatizar que alguns entrevistados sofreram com as tentativas, promovidas pelas ex-parceiras, de afastá-los dos filhos. Esses dados ratificam o que foi pontuado por Sousa (2009) e por Paulo (2009) sobre alienação parental, uma vez que os autores afirmam que o objetivo do genitor alienador é evitar o contato da criança com o outro genitor.

O terceiro participante não vivenciou o litígio conjugal, mencionando a traição como o motivo que explica a relação conflituosa com a ex-parceira. Podemos pensar que o relacionamento extraconjugal da ex-parceira provocou, no entrevistado, uma ferida narcísica. Ele afirma que, “pro homem, essa coisa de traição é muito complicada”, de modo que é possível associar seu narcisismo ferido à dupla moral masculina, que torna ainda a infidelidade feminina menos tolerada socialmente (POSTER, 1979; GIDDENS, 1993; JABLONSKI, 2009; NOLASCO, 1988).

Somente três participantes discorreram sobre alterações significativas no padrão de relacionamento com o ex-cônjuge.

Quando ele (ex-parceiro) realmente viu que eu não queria mais mesmo... E não arrumei outro nem nada, mas quando ele viu que realmente... Nossa, no que ele pudesse me incomodar com as logísticazinhas da criança... você não tem ideia. Isso foi uns quatro anos. Me tratava mal pra caramba, não falava comigo direito. (...) Ele dificultava tudo na hora da criança ir pra ele, de trazer roupa... sabe? Tudo ele dificultava... na escola... Era uma dificuldade muito grande de entendimento entre eu e ele. (...) Você não tem ideia, Viajava e desligava o celular. Eu não tinha como falar. Eu não sabia se tinha chegado bem, que horas voltava, que dia voltava. (...) Nossa! Fiquei desesperada. (...) Do ano passado pra cá, bem melhor. Bem melhor depois daquela reunião que eu fiz... com a psicóloga e tal. Bem melhor que eu digo o seguinte...é... ele me escuta muito mais hoje, sabe? (Letícia, 42 anos)

Foi legal até um certo ponto, até o ponto em que ele colocou essa pessoa (parceira atual) lá no meio. E, aí, as coisas começaram a ficar um pouco mais... não muito legais. (...) Então, a gente começou a brigar. (...) No primeiro momento, eu tava bem. Depois que eu não fiquei porque ele começou a ficar escroto. Ele tava tranquilo, a gente se falava amigavelmente, a gente trocava e-mail, eu até ia na casa dele. Só que depois, quando ele começou a namorar... (...) Quando eu fiquei sabendo, eu enfrentei ele e, aí, ele falou que tava há seis meses com ela. Só que tinha cinco meses que a gente tinha se separado. (...) Quando a pessoa fala que te ama, né? Tipo, em dezembro. Que quer casar com você, que

percebeu que você é a mulher da vida... não tem como não chocar, né? (...) Eu fiquei mal, sabe? (...) Fiquei com raiva, fiquei surpresa. Não fazia a mínima ideia que ele já tava com alguém, nem passava pela minha cabeça, entendeu? (...) Eu não imaginava já que ele me amava tanto, né? (ironizou) (...) **Eu vou apagar ele da minha vida quanto mais eu puder**, sabe? Pra mim, só existe por e-mail, eu não preciso falar. (...) Ele me chamou de ladra, falou um monte de merda. Então, chega, tem uma hora que não dá mais, né? Não vou ficar pelejando, paciência tem limite. Ele me insultou demais, ele falou que eu era uma péssima mãe, ele falou coisas horríveis pra mim. Então, assim... não deixo de continuar com ódio dele. (...) Se eu pudesse dar uns bons tabefes na cara dele, bem que eu queria, entendeu? (Laura, 34 anos)

Durante um tempo, a gente se manteve amigo. (...) Hoje, a gente é praticamente inimigo um do outro. E eu tenho, inclusive, um processo, né? Onde ele quer me tirar do apartamento e me tirar minha filha. (...) Hoje, tudo o que ele quer é fuder com a mãe dos filhos dele... Eu não posso ser amiga dessa pessoa. Assim, deixa ele lá no canto dele, entendeu? (...) Eu não quero ser amiga dele. Então, eu não sei nem como ele tá. Se você, hoje, me perguntar se ele é azul, verde, amarelo, louro, moreno, careca, eu não sei te dizer. Porque eu não vejo. Sei que, há pouco tempo, entrou no facebook. Aí, eu fui lá, bloqueei. Porque eu não quero acesso nenhum. (...) Não falo nem mais com a família dele, pra você ver. (...) Eu tinha uma coisa assim amigável. (...) De repente, essa coisa tomou um rumo que, aí, nem falar mais eu falo. Não sei nem... não sei onde ele mora, não tenho mais o celular dele, não sei... o e-mail dele é bloqueado, ele é bloqueado no facebook. **É uma pessoa que, pra mim, existe porque existe um processo rolando na justiça.** (...) Não falo nem se for necessário. Eu tenho advogado. Meu advogado fala com a advogada dele. (...) A gente não se falou nunca mais. Agora, quando se fala, é através de advogados. Tudo que acontece dele em relação a mim, eu ligo pro advogado. (Sônia, 52 anos)

No primeiro depoimento, conjugalidade e parentalidade aparecem novamente entrelaçadas, o que acirra os conflitos e aumenta a hostilidade entre os ex-parceiros (MADDEN-DERDICH, LEONARD e CHRISTOPHER, 1999). Segundo a entrevistada, essa situação melhorou sensivelmente com a intervenção da psicóloga. Durante a entrevista, ela contou que, no encontro proposto pela psicóloga, ela teve a oportunidade de verbalizar para o ex-cônjuge quais eram as atitudes dele que a incomodavam. Questões mal resolvidas, relativas à parentalidade, foram discutidas e esclarecidas, o que estabeleceu, mesmo que indiretamente, uma fronteira entre aspectos parentais e conjugais. A discriminação desses aspectos levou à redução dos conflitos e da hostilidade, conforme foi destacado por Souza e Ramires (2006).

Nas falas seguintes, enquanto a segunda participante afirma que “vai apagar o ex-parceiro da sua vida quanto mais ela puder”, a terceira diz que o ex-cônjuge

é “uma pessoa que, pra ela, existe porque existe um processo rolando na justiça”. Esses discursos indicam a utilização de defesas maníacas para negar a realidade da perda (FARKAS, 2003).

A negação equivale a um aniquilamento, de modo que tudo aquilo que provoca frustração é sentido, na posição esquizo-paranóide, como se tivesse saído da existência. Tal mecanismo mantém-se, assim como outros, de forma **menos intensa** na posição depressiva, recebendo a designação de **defesa maníaca**, uma vez que passa a ser utilizado com outra finalidade, ou seja, passa a ser empregado, predominantemente, para evitar que o ego vivencie a realidade da perda (KLEIN, 1946/1991). A negação da realidade da perda é também uma das etapas do processo de luto (STEINER, 1994), podendo ocorrer em situações de ruptura do vínculo conjugal. As defesas utilizadas pelos ex-parceiros após o término do casamento podem ser maníacas, não permitindo de fato o reconhecimento da perda (FARKAS, 2003).

5.3.7 Perspectivas em relação ao recasamento

Ao serem indagados sobre o que fariam diferente num novo casamento, vários entrevistados mencionaram a preservação da individualidade ou alguma mudança que leva à conservação desse aspecto, tão valorizado na contemporaneidade.

Eu já tenho a minha vida, eu já tô estabelecida. Tenho minha casa, tenho minha filha... Cada um fica na sua casa, entendeu? Eu quero uma relação assim, cada um que fique na sua casa. Nada impede que, final de semana, eu vá pra casa dele ou, vice-versa, ele vá pra minha, que a gente viaje junto. Mas, não tem porque coabitar, entendeu? (Bárbara, 38 anos)

Morava em casas separadas. (...) Aí, é uma questão muito prática. Eu quero ter o meu espaço, quero cuidar das minhas coisas. Ele cuida das coisas dele, eu cuido das minhas coisas... Se encontra quando tá legal... Acho que é uma coisa mais... é... vamos dizer, mais verdadeira. Eu vou te ver quando eu tiver o sentimento que eu quero te ver. (Luíza, 42 anos)

Eu? O que eu faria diferente? Minha individualidade, minha vida, meus amigos, minhas coisas. Não ia abrir mão da minha vida, até porque eu acho que a pessoa tem que admirar a outra, né? Não existe esse negócio

de ser cordeirinho. Acho que eu vou ter minha vida, meus filhos, vou ter minha individualidade. (Beatriz, 39 anos)

Casamento, pra mim, agora, vai ser assim... Você tem a sua casa? Tá bom, você fica lá, eu fico na minha. De vez em quando, você me visita, eu te visito. (risos) Tá tudo ótimo. (...) É isso aí. (risos) Esse é meu modelo de casamento atual. (Bruna, 39 anos)

Eu já vou para um outro relacionamento já diferente, né? Ele vai fazer o que eu gosto e eu vou fazer de repente o que ele gosta também. Mas, eu nunca vou perder mais a minha individualidade, deixar o outro decidir a sua vida, sabe? Agora, eu vou fazer as coisas que eu quero também. (Letícia, 42 anos)

Não ceder tanto, sabe? Ter a minha opinião e impor um pouco as minhas vontades. Porque eu tenho... eu sempre tive que ceder. Por que? Eu tive que ceder porque eu quis ceder. O que ele teve com isso? Nada. Quem errou fui eu. Eu que permite isso tudo, entendeu? Então, eu não permitiria isso de novo, né? Eu não quero perder a minha essência. (...) Impor um pouco as minhas vontades, mostrar realmente quem eu sou. Não ser uma pessoa pra agradar o outro, ser quem eu sou. (...) A pessoa tem que gostar do jeito que eu sou, da maneira que eu penso. Gostar das coisas parecidas ou aceitar, né? Que eu não goste do que ele gosta. (Márcia, 47 anos)

O que eu faria diferente? Primeiro, não abrir mão da minha vida, não abrir mão das minhas coisas em função do casamento, em função de outra pessoa. Em primeiro lugar, vem eu, a minha felicidade. Eu tenho que tá feliz pro casamento poder funcionar. Se eu não tô feliz, não vai funcionar. Não tem nada a ver com egoísmo, tem a ver com o fato de eu tá bem. (...) Se tem alguma coisa me incomodando, se eu tô abrindo mão de alguma coisa... Lógico, você sempre tem que abrir mão de alguma coisa, mas não abrir mão de tudo. Então, o que eu não faria é isso, é viver em função de outra pessoa. (...) Ela tem que ter o espaço dela e eu tenho que ter o meu espaço. No final das contas, acho que, quando você casa, na verdade, você passa a viver três vidas diferentes, que é a sua vida, a vida dela e a vida nossa. Acho que é isso. (Arnaldo, 42 anos)

Esse participante foi o único, entre os homens que participaram deste estudo, que se referiu à individualidade como um aspecto que precisa ser preservado no recasamento, como uma forma de não repetir a experiência do casamento anterior. Em contrapartida, outros entrevistados deram respostas relacionadas à conjugalidade, que visavam o fortalecimento do vínculo conjugal.

Se eu tivesse uma outra relação, um outro relacionamento, eu ia tentar

conversar bastante pra não... sabe? Na primeira briga assim ou... confusão, já parar, conversar. (...) Você acaba ficando mais experiente em relacionamento. (...) Tratar bem, ter mais tempo de lazer, que a gente não tinha muito. Acho que isso é importante. Mesmo que tenha o filho, tem que arrumar um tempo pra vocês. Lazer, você e ela sozinhos. Viajar, que a gente nunca mais viajou, essas coisas. Ter um tempo mesmo só pra nós dois, entendeu? Acho que é mais isso. (Arthur, 39 anos)

O que eu queria fazer diferente é justamente aproveitar mais os momentos, eu e ela, né? Porque eu já deixei muitos momentos... de sairmos nós dois, por causa de filho, por causa de trabalho, né? Então, eu me dedicaria mais a fazer mais viagens com ela, aproveitar melhor o nosso final de semana. Isso eu faria, ou seja, viver mais a vida. (...) Eu fiquei até mais eficaz na separação do que é o meu profissional e do que é o meu pessoal. Hoje, eu não largo meus compromissos pessoais por causa de trabalho. (Pedro, 46 anos)

Não sei te dizer, apesar da gente já ter conversado sobre isso, qual foi o meu erro. Foi me dedicar muito ao meu trabalho? Foi julgar o trabalho muito importante? Sim, isso foi um erro. (...) Eu achava o trabalho uma coisa muito importante, me dedicava muito ao trabalho. Eu trabalho muito, eu gosto de trabalhar. Saio cedo de casa, chego tarde. (...) Eu acho que faria o que eu estou fazendo mais hoje. Eu procuro me divertir mais. Já não tenho a apreensão de perder, você entende? Se perder, eu vou arrumar outro trabalho. (...) Já não tenho esse pavor de ficar desamparado, de desamparar alguém. Gosto muito do meu trabalho, não tenho dúvida. Mas, eu sempre coloquei ele muito... um dado muito importante nas nossas vidas. Isso, talvez, não tenha dado muito espaço pra ela. (Antônio, 50 anos)

Chega o momento... é com quem você vai tá, quais são as... manias de cada um, né? Eu acho que eu taria disposto a abrir mão das minhas... das possíveis manias que eu... que incomodem alguém. Isso eu faria diferente. O problema não é a falta de ajuste no casal, entendeu? Isso não me... Tenho amigos que são da minha idade que falam assim... "Eu não caso hoje porque eu não consigo me adaptar." Eu acho que não, eu poderia me adaptar a alguém. Eu gosto de estar com alguém, eu gosto de ter alguém, de tá alinhado com alguém. Então, isso, pra mim, é uma coisa que dá pra levar. (Sandro, 48 anos)

Em qualquer relacionamento, você tem que ter um cedendo pro outro, né? As pessoas não são iguais e nada se encaixa. Não é um quebra-cabeça em que as peças se encaixam e pronto, acabou, né? Eu tentaria ir adaptando, daria uma lixada aqui, uma moldada ali, né? Até se encaixar e conviver harmoniosamente. Isso faltava no relacionamento. (...) Todo mundo tem suas manias, né? Todo mundo tem seu jeito de ser. Ninguém é igual. Você tem que ceder aqui, ceder ali. A pessoa também, né? Tem que lixar os dois lados do quebra-cabeça pra encaixar, né? Não adianta você querer botar na marra que não vai, né? Nem deixar que... pô, um quadrado não vai encaixar numa bola. Então, ou você faz uma circunferência de um lado e tenta adequar aquela coisa... vai lixando dos

dois lados pra pelo menos ficar... O quanto mais encaixado possível, melhor. Porque, senão, não vai rolar. (Alfredo, 41 anos)

Analisando todos os depoimentos, é possível observar que, no primeiro casamento, as mulheres investiram mais na conjugalidade do que na individualidade, enquanto os homens fizeram exatamente o contrário. Diante da possibilidade do recasamento, eles têm, então, a expectativa de compensar o que faltou, privilegiando o aspecto que foi pouco investido no casamento anterior.

A difícil conciliação entre estas duas forças paradoxais, conjugalidade e individualidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998), pode explicar a tendência dos participantes a privilegiar uma delas. Os papéis de gênero tradicionais, atribuídos a homens e mulheres ao longo da história, podem explicar também essa tendência. Enquanto o homem pertencia ao mundo público, a mulher era destinada ao mundo privado, onde se dedicava exclusivamente ao casamento e à família (GOODRICH, 1990; PRIORE, 2006; VAITSMAN, 1994). Resquícios desse momento histórico fazem-se ainda sentir na contemporaneidade.

Sendo assim, a individualidade aparece mais, como uma dimensão que precisa ser preservada, nas falas femininas, ao mesmo tempo em que mudanças relacionadas à conjugalidade emergem mais no discurso dos homens. Tanto as mulheres quanto os homens demonstraram o desejo de não repetir a vivência do primeiro casamento, marcado ainda pelos valores tradicionais.